

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

MARIA LUISA DO NASCIMENTO SILVA

**ORIGEM DOS JUDEUS ETÍOPES E A LINHAGEM SABAÍTICA E
SALOMÔNICA: Intercâmbios culturais e formação identitária**

Recife

2023

MARIA LUISA DO NASCIMENTO SILVA

**ORIGEM DOS JUDEUS ETÍOPES E A LINHAGEM SABAÍTICA E
SALOMÔNICA: intercâmbios culturais e formação identitária**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado para
obtenção do grau de Licenciatura em História,
Centro de Filosofia e Ciências Humanas,
Universidade Federal de Pernambuco.

Orientadora: Luiza Nascimento dos Reis.

Recife

2023

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do programa de geração automática do SIB/UFPE

Silva, Maria Luisa do Nascimento.

Origem dos judeus etíopes e a linhagem sabaítica e
salomônica: Intercâmbios culturais e formação identitária / Maria Luisa
do Nascimento Silva. - Recife, 2023.

52 : il., tab.

Orientador(a): Luiza Nascimento dos Reis

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade
Federal de Pernambuco, Centro de Filosofia e Ciências Humanas,
História - Licenciatura, 2023.

9.

1. Rainha de Sabá. 2. Rei Salomão. 3. Bíblias. 4. Herança africana. 5.
História antiga e medieval. I. Reis, Luiza Nascimento dos. (Orientação). II.
Título.

930 CDD (22.ed.)

MARIA LUISA DO NASCIMENTO SILVA

**ORIGEM DOS JUDEUS ETÍOPES E A LINHAGEM SABAÍTICA E
SALOMÔNICA: intercâmbios culturais e formação identitária**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado para
obtenção do grau de Licenciatura em História,
Centro de Filosofia e Ciências Humanas,
Universidade Federal de Pernambuco.

Aprovado em: 04/09/2023

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Dra. Luiza Nascimento dos Reis (Orientadora)

Universidade Federal de Pernambuco

Prof^a. Dra. Mariana Bracks Fonseca

Universidade Federal de Sergipe

Prof^o. Dr. Bruno Uchoa Borgongino

Universidade Federal de Pernambuco

AGRADECIMENTOS

Antes de tudo, dou graças ao meu Deus por ter me ajudado e me sustentado a chegar até aqui, pois sem Ele nada do que foi feito se fez e, usando as palavras do cantor e compositor Andraé Crouch (1942-2015), tudo o que sou ou que almejo ser eu devo tudo a Deus. Seguindo, desejo externar minha gratidão ao meu porto seguro aqui na terra, meus pais, dona Edna do Nascimento e senhor José Adelson, por tudo que fizeram e fazem por mim; como também, à minha família, tanto de Recife, como do Rio de Janeiro, em especial, à dona Amara e dona Maria, minhas avós; às minhas caçulinhas, à minha boadrasta Waldelene, tias Rose e Ceça e tio Gil e à minha prima Rafaela. Amo-os muito! Também não posso deixar de agradecer aos meus amigos queridos que me ajudaram nessa caminhada, seja como bons ouvintes, conselheiros, torcedores e intercessores.

Dedico um espaço especial nos meus agradecimentos à minha comunidade do Alto do Capitão, onde moro e também congrego com meus irmãos em Cristo; foi neste lugar onde nasci e cresci e onde estou a escrever esses agradecimentos; ao Coletivo de Mídia Independente e Popular Sargento Perifa, na pessoa da jornalista Martihene Oliveira, assim como, ao PET Conexões Encontros Sociais (UFPE), na tutorial do professor Dr. Francisco Sá- meios quais me fizeram crescer e me formar tanto academicamente, profissionalmente e como ser humano (em todas as esferas). Quero dar um salve especial ao secretário do curso de História, grande Levi, por todo apoio na questão burocrática, especialmente, nestes últimos períodos. Gratidão por toda assistência e orientação dadas! Também não poderia deixar de agradecer àqueles que foram meus orientadores ao longo do curso- minha orientadora de Pibic e TCC, professora Dra. Luiza Reis, por toda troca e disposição com essa temática tão desafiante e estimulante para mim; e ao professor Dr. Bruno Uchoa, pelo tempo de partilha no Leom e até mesmo depois dele. Também gostaria de citar a professora Dra. Christine Dabat, por todo entusiasmo e encorajamento com a temática; o professor Dr. Rivair Macedo pela disposição do seu acervo bibliográfico digital pessoal sobre a rainha de Sabá e os judeus etíopes; e o professor Dr. José Bento Rosa da Silva, pela introdução ao tema na cadeira de História da África, tendo sido meu primeiro encorajador com a então pesquisa. Deixo meus agradecimentos a todos e todas.

Com isso, fica bastante claro que ninguém vence (sim, chegar até aqui é uma grande

vitória para mim) sozinho, ainda mais, sendo uma menina e agora mulher negra, oriunda de escola pública e comunidade periférica. Nesse sentido, ter uma rede de apoio, se aquilombar, ter alguém que invista/acredite em você, nos seus estudos e sonhos para subjugar os jugos/determinismos da desigualdade social é imprescindível. Essa rede se deu de modo mais ampliado, anterior mesmo à graduação, constituída de pessoas que não foram citadas aqui, mas contribuíram indireta e diretamente com a minha trajetória. Meu coração se sente grato por essas passadas. Neste fechamento de ciclo e passagem de rito, quero externar, sem medidas e reservas, mas não me estendendo muito, o quanto meu coração se encontra alegre por ter chegado até aqui e, como diz o livro bíblico de Provérbios 15. 13: “um coração alegre aformoseia o rosto”, e é assim como me encontro escrevendo esse texto, além de estar muito emotiva. Sou grata pelos acertos e desencontros que cooperaram para o bem de eu me tornar quem eu tenho me tornado; e por quem tenho levado comigo/posso contar; pelas portas que se abriram e abrirão através desse sonho acadêmico/acesso à educação daquela menininha que resistiu e está, finalmente, colhendo os frutos que plantou. Sinto-me realizando, pois a luta é contínua

RESUMO

A “Bíblia hebraica” foi a pioneira em relatar o encontro da rainha de Sabá com o rei Salomão, mas foi só na obra etíope do *Kebrä Negast* que esse encontro desenrolou um envolvimento amoroso entre os monarcas, e o fruto deste teria sido Menelik I. Essa história serve de fundo para o objetivo primordial do presente trabalho, o qual é ressaltar o lugar da África nas narrativas bíblicas, em especial, a região da Etiópia, e a sua influência na formação do povo de Israel e na tradição judaico-cristã- concretizada por meio de intercâmbios culturais; fazendo isso através do delineamento das origens/formação identitária dos judeus etíopes, envolvidos em uma disputa de narrativas e de poder.

Palavras-Chave: Rainha de Sabá; Rei Salomão; Bíblias; Herança africana; História antiga emedieval.

ABSTRACT

The “Hebrew Bible” was the pioneer in reporting the meeting of the Queen of Sheba with King Solomon, but it was only in the Ethiopian work of *Kebra Negast* that this meeting developed a loving involvement between the monarchs, and the result of this would have been Menelik I. This story serves as the background for the main objective of the present work, which is to emphasize the place of Africa in the biblical narratives, in particular, the region of Ethiopia, and its influence in the formation of the people of Israel and in the Judeo-Christian tradition. materialized through cultural exchanges; doing so by outlining the origins/identity formation of Ethiopian Jews, involved in a dispute over narratives and power.

Keywords: Queen of Sheba; King Solomon; Bibles; African heritage; Ancient and medieval history.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	7
2	METODOLOGIA.....	11
3	ORIGEM DOS JUDEUS ETÍOPES: HISTÓRIA DA ETIÓPIA, CUXE E AKSUM.....	12
4	ORIGEM DOS JUDEUS ETÍOPES: DAS NARRATIVAS DOS FLUXOS MIGRATÓRIOS, DO CISMA COM O ESTADO DA ETIÓPIA ÀS MENÇÕES NA LITERATURA.....	17
4. 1	<i>Cisma dos judeus etíopes com o Estado da Etiópia.....</i>	17
4. 2	<i>Menções aos judeus etíopes na literatura.....</i>	17
4. 3	<i>As correntes exógenas sobre a origem e a formação identitária dos judeus etíopes: fluxos migratórios limítrofes e endogênicos.....</i>	20
5	AS ORIGENS DE SABÁ E OS INTERCÂMBIOS CULTURAIS ENTRE SABÁ/CUSH/ETIÓPIA E OS HEBREUS /ISRAEL.....	24
5. 1	<i>Origem do reino de Sabá/Cush/Etiópia e da sua rainha; e a gênese dos seus intercâmbios culturais com os hebreus/Israel, em fontes teológicas.....</i>	24
5. 2	<i>Relações comerciais entre Sabá/Etiópia e Israel, e os limites de influência do domínio da Etiópia.....</i>	30
6	REPRESENTAÇÕES DA RAINHA DE SABÁ E REFLEXÕES SOBRE OS PAPEIS DE GÊNERO DAS MULHERES NA ANTIGUIDADE PARA O ENSINO DE HISTÓRIA.....	32
7	CONCLUSÃO.....	43
	REFERÊNCIAS.....	47
	FONTES.....	49

1 INTRODUÇÃO

Em primeiro lugar, o objetivo principal do presente trabalho de pesquisa foi analisar as principais narrativas acerca da origem dos judeus etíopes referente à sua linhagem sabáica e salomônica. 1) Analisar os textos sagrados dos judeus (*Tanach*)¹ e cristãos (Velho testamento), pioneiros em relatar o encontro da rainha de Sabá com o rei de Israel, Salomão², ocorrido no século X a.C; como também, o *Kebra Negast*³, uma compilação de tradições orais da Etiópia, do século XIV, que conta como esse encontro se deu na gênese da dinastia Salomônica e dos judeus etíopes que reivindicam a sua linhagem. Além disso, foi imprescindível 2) refletir acerca do resultado dos intercâmbios culturais⁴ entre as antigas Etiópia e Palestina, tão descritos ao longo das narrativas bíblicas, da *Tanach* e da *Kebra Negast*, e como se deu a formação identitária dos etíopes como judeus. 3) Ressaltar abordagens históricas sobre a figura da rainha de Sabá e os usos de representações suas e do continente africano em diferentes períodos históricos. Por fim, 4) investigar as disputas de narrativas pela exata localização histórica do reino de Sabá e de sua rainha. Esses foram os objetivos específicos.

Os livros de Reis⁵ (escrito cerca de 560-550 a.C) e Crônicas⁶ (de 450-420 a.C), onde são relatados o encontro dos dois monarcas, podem ser encontrados tanto na “Bíblia Hebraica” (*Tanach*), como no Antigo Testamento, usado pelos protestantes e evangélicos, pois o conteúdo de ambos é o mesmo, mas a ordem dos livros é diferente, o que pode influenciar na análise. Por isso, foi preferível neste trabalho destacar os dois, o

¹ É mais especificamente na Torá, que compõe parte desta fonte, que está registrado o relato do encontro dos monarcas, mas como são usadas outras referências do livro completo ao longo do trabalho, ele está citado como um todo.

² No seu reinado se deu o apogeu de Israel em prosperidade, paz, poder e glória, tanto que a rainha de Sabá ficou curiosa com tal fama, ao ponto de ir ter com ele.

³ Que diz, “Glória dos Reis”.

⁴ “Algumas pessoas argumentam que o "hibridismo" e o sincretismo- fusão entre diferentes tradições culturais -são uma poderosa fonte criativa, produzindo novas formas de cultura, mais apropriadas à modernidade tardia que às velhas e contestadas identidades do passado. {...} [Mas] isso não é próprio da ideia de identidade da pós-modernidade, porquanto, "nós somos também "pós" relativamente a qualquer concepção essencialista ou fixa de identidade.” (HALL, 2005, p. 91 e 10). O hibridismo promove a impureza, a mistura, sendo parte de uma transformação fundamental e abrangente.

⁵ Este livro aborda de forma seletiva dados cronológicos de quatro séculos da história dos reis de Israel e Judá. O seu autor, sendo anônimo, mas considerado um historiador profético, utilizou várias fontes literárias para compô-lo.

⁶ 2 Crônicas (que é onde está especificamente o relato que nos interessa. Esta divisão de 1 e 2, assim como é o livro de Reis, é feita só no Antigo Testamento) abrange o mesmo período de história que Reis, também, tem um caráter seletivo e ele focaliza exclusivamente o destino de Judá, uma das tribos de Israel. E ele foi escrito na perspectiva sacerdotal.

livro pioneiro, dos judeus, assim como a Bíblia Cristã⁷, já que o Novo Testamento também chegou a ser trabalhado. A produção de Champlin (2018) foi uma obra extremamente relevante para interpretar, assertivamente, versículo por versículo do texto bíblico (trazendo apontamentos históricos, relações culturais e comerciais do tempo e povos envolvidos); além de fazer links para outras referências bíblicas importantes para a compreensão de pormenores da narrativa. Por outro lado, Champlin nega, sem mais discussões na sua obra, que a rainha de Sabá não é etíope, adiantando uma resistência do cristianismo ocidental na reivindicação da linhagem sabaítica e salomônica dos judeus etíopes, não dando credibilidade à historicidade dela como etíope. Por sua vez, a rainha de Sabá etíope existiu e existe, beirando o mito e a história, com registros históricos ou não, pois a sua figura é lendária, milenar, adotada por diferentes culturas, e não só está no imaginário de populações, como impacta em decisões políticas.

Quanto ao uso da Bíblia como fonte historiográfica, ela é um documento milenar, e fica claro no decorrer da investigação a presença constante de metáforas, narrativas épicas e simbologias. Ela é um documento que sofreu sucessivas complementações e reinterpretções com suas infinitas traduções e edições- comum a fontes antigas que dão interesse a diferentes culturas e línguas, tais quais as outras fontes do presente trabalho. Por outro lado, diferentemente do senso comum, mitologias (quais narrativas bíblicas inexatas beiram) não é algo mentiroso, mas sim é uma narrativa que não pode ser comprovada e, mesmo assim, pode/deve ser estudada, haja vista disso também acabar por moldar o imaginário de populações que as adotam e, para entender esse fenômeno, é necessário fazê-lo de fonte histórica. Nesta feita, há na fonte bíblica uma riqueza intensa de informações hoje confirmadas com o auxílio de diferentes ciências, fazendo, por exemplo, correlações com outros documentos históricos antigos, para compreensão de várias civilizações e povos antigos, e como estes também influenciaram a formação das tradições judaico-cristão; dados estes que serão extremamente úteis para o então trabalho de conclusão. Inclusive, a Torá, a qual compõe parte das Bíblias (hebraica e cristã) foi e ainda é um instrumento jurídico, quando a religião e o Estado se tornaram instituições hibridizadas. Portanto, a historiografia utiliza várias fontes para escrever a história e a em questão é polêmica para alguns, sagrada para outrem, mas, através de se ater para o contexto histórico-social descrito; na tentativa de neutralidade do historiador (a),

⁷ A versão utilizada foi a Bíblia de Estudo Pentecostal, traduzida em português por João Ferreira de Almeida, com referências e algumas variantes. Revista e corrigida, edição de 1995, com notas e estudos bíblicos e muitos outros auxílios.

utilizando de metodologias da História, o presente trabalho é uma forma, também, de trazer à luz da ciência o então conteúdo “sagrado” (MARUTTI, 2008).

E a obra “História dos Hebreus” (2019), destacada como fonte, é um compilado dos antigos escritos de Josefo, historiador judaico-romano do século IV d.C, sendo um dos principais relatos extrabíblicos dos acontecimentos contidos nas Escrituras, e onde a rainha de Sabá é referendada pela primeira vez como tendo sido etíope, e é chamada de Nocolis.

Já no *Kebra Negast*, a rainha é chamada de “Makeda”, uma abissínia, é só nessa versão etíope que houve um envolvimento amoroso entre os monarcas, e o fruto deste teria sido o verdadeiro primogênito de Salomão; e o fundador da dinastia mais longa (Salomônida) da História universal, Menelik I. A versão utilizada do *Kebra Negast* para desenvolvimento do visto trabalho foi uma edição em português⁸ destinada para os professores do movimento Rastafari⁹, porquanto, ela tem grande importância para eles, pois permite compreender e conectar os fatos de sua história e sua fé. Como também, essa obra proporciona aos leitores uma compreensão da Igreja Cristã Ortodoxa da Etiópia, dado que é um tratado teológico cristão. Mas este ainda vai além, sendo bastante útil para a então vertente temática da História, por se tratar de uma compilação de tradições orais da Etiópia o *Kebra Negast* foi aceito entre os próprios Beta Israel (MULLER, 2018), haja vista dela cooperar para se entender a história/origem deles porquanto, afirmam fazer parte da elite cultural da Etiópia, ou seja, da linhagem sabaítica e salomônica.

{...} além de fontes escritas que existem em grande número apenas a partir do século XIV avante, a história oral é parte integrante na reconstrução da história de Etiópia, especialmente para um grupo como o Beta Israel que não escreveu ao longo de sua própria história, tornando-se essencial trabalhar com as histórias e lendas preservadas na memória coletiva. {...} [Por outro lado], houve uma defasagem das fontes, tanto escritas, como orais na Etiópia pré-moderna, e os estudos que têm as tradições orais coletadas antes disso, são de grande valor e funcionam como uma fonte histórica legítima para estudar judeus etíopes. (MULLER, 2018, p. 250, tradução nossa).

Um detalhe a ser destacado é que são mais de 2000 anos que separam os “fatos” da escrita da fonte, além do mais, ela foi traduzida do copta para o gue’ez, e não eram necessariamente os seus autores quais fizeram isso; outro ponto é dele não mencionar a cronologia dinástica dos reis axumitas, posto que é a dinastia cristã antecessora, sendo

⁸ Traduzida a partir de uma edição inglesa. Também foram feitas consultas a uma tradução já realizada em português a partir da edição jamaicana.

⁹ Foi através da coroação e do governo de Sua Majestade Imperial O Imperador Haile Selassie e Sua Majestade Imperial A Imperatriz Menen que os africanos em diáspora no Caribe reconheceram-se como herdeiros da história da rainha de Sabá e de sua linhagem a qual vem desde os tempos mais antigos, apresentados no *Kebra Negast*, e, foi assim, a grosso modo, que surgiu o movimento espiritual Rastafari.

assim, estes são certamente uns dos principais pontos fracos do documento como fonte histórica de material sobre o estudo da história antiga da Etiópia (ADAMU, 2009).

Com isso, vale destacar que o então tratado religioso é uma forma de diversificar/ampliar o leque de possibilidades para se trabalhar com fontes históricas em sala de aula, difundindo, também, a vertente da história oral. Some-se a isso, a difusão do estudo do *Kebra Negast* coopera para se desmistificar que as sociedades africanas eram povos ágrafos antes do contato com o “homem branco”, apesar das tradições serem predominantemente orais, todavia, a Etiópia é um fenômeno de muitas singularidades na África, pois justamente com o Egito ela é uma das nações africanas que podem traçar suas histórias desde a antiguidade. Deve-se, além do mais, questionar porque fontes escritas dos então recortes temporais do presente projeto são escassos, sendo também resultado do Colonialismo, de guerras provocadas por este; por conta das diásporas e da destruição de muitos dos territórios do “continente mãe”, inclusive, é válida a reflexão de como a Europa sub desenvolveu a África.

É válido afirmar que a tradição em estudos da história africana nos períodos de antiga e medieval é pouco difundida no Brasil, especialmente no caso dos judeus etíopes, e este TCC é a continuação e aperfeiçoamento da pesquisa iniciada no Pibic (2021-2022), edital Propesqui-UFPE. Sendo assim, essa temática faz valer a Lei N° 10.639/2003 que foi responsável por incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e outras providências. Vale ressaltar da letra da lei também pontuar especificamente o termo “História da África” que vai além da sua afro relação com o Brasil, como também, antes do fatídico episódio do Colonialismo. Por sua vez,

{...} não basta apenas "adicionar"[no currículo] essas culturas, como adornos de homenagem à diferença, mas colocá-las em relação umas com as outras. Urge, inclusive, não apenas incluir os grupos subalternos em uma epistemologia que não foi projetada para que eles tenham dignidade como agentes históricos, mas questionar, inclusive, as raízes dessa epistemologia. (COSTARD, 2017, p. 172).

A seguir, alguns dos objetos do conhecimento e habilidades específicas da BNCC que cooperam para justificar a inserção dessa temática para pesquisa da área de licenciatura:

-6° ano

Objetos de conhecimento	Habilidades
-------------------------	--------------------

Povos da Antiguidade na África	(EF06HI07) Identificar aspectos e formas de registro das sociedades antigas na África , no Oriente Médio e nas Américas, distinguindo alguns significados presentes na cultura material e na tradição oral dessas sociedades.
As diferentes formas de organização política na África: reinos, impérios, cidades-estados e sociedades linhageiras ou aldeias	(EF06HI13) Conceituar “império” no mundo antigo, com vistas à análise das diferentes formas de equilíbrio e desequilíbrio entre as partes envolvidas.
O Mediterrâneo como espaço de interação entre as sociedades da Europa, da África e do Oriente Médio	(EF06HI15) Descrever as dinâmicas de circulação de pessoas, produtos e culturas no Mediterrâneo e seu significado.
O papel da mulher na Grécia e em Roma, e no período medieval	(EF06HI19) Descrever e analisar os diferentes papéis sociais das mulheres no mundo antigo e nas sociedades medievais .

-7º ano

Saberes dos povos africanos e pré-colombianos expressos na cultura material e imaterial	(EF07HI03) Identificar aspectos e processos específicos das sociedades africanas e americanas antes da chegada dos europeus , com destaque para as formas de organização social e o desenvolvimento de saberes e técnicas.
--	--

2 METODOLOGIA

Em primeiro ponto, foram delimitados como objetos de análises os principais livros da tradição judaico-cristão, em especial, a Bíblia Cristã, além dos adjacentes a este, tal como os escritos de Flávio Josefo; e o *Kebrä Negast*- uma fonte primária etíope que ressalta a tradição oral. Também é preciso destacar que além do Beta Israel (sinônimo de “judeus etíopes”), um dos grupos de crença judaica na Etiópia (no qual esta pesquisa irá focar mais), muitos grupos e indivíduos são tratados como Ayhud, "Judeu", em fontes etíopes (MULLER, 2018, p. 249), tais como o Betä Abraham ou o Qəmant.

Em segundo lugar, o uso da metodologia foi qualitativa e se fez um levantamento bibliográfico de produções brasileiras, mas essa se apresentou ínfima, logo, partiu-se para os caminhos de intelectuais estrangeiros, alguns de linhagem judaica e etíope. Com isso,

eu li uma gama bibliográfica muito enriquecedora sobre o tema, além da revista de sites eletrônicos bem referendados, que coopera para uma análise das representações da então temática no tempo presente, por exemplo, feitas através de imagens, fazendo valer, assim, o conceito de Didática da História, no campo dos usos públicos da História.

Além disso, foram feitas leituras de textos com uma perspectiva contemporânea para se ter uma noção das particularidades ritualísticas do grupo étnico em questão e como este é compreendido pelos judeus israelitas; Também, como se deu essa formação de comunidade e/ou sentimento de pertencimento. Em consonância, o artigo Anteby-Yemini (2016) é de uma singularidade, a começar que muitas das informações que serão aqui expostos sobre ele são resultados de coletas de entrevistas feitas diretamente com judeus etíopes contemporâneos. O então texto traz uma abordagem bem interessante sobre a estrutura eclesiástica do grupo em questão, e oferece um parâmetro singular sobre as funções ritualísticas das mulheres Beta Israel no ciclo da vida: nascimento e morte; ou seja, como parteira, circuncidadora ou enlutando. Além de destacar o papel delas na comunidade, a obra nos convida a uma perspectiva intrigante em contraposição a ocidental sobre o período na “casa do sangue” (isolamento quando se está no ciclo menstrual). Conforme as mulheres mesmo relatam, é um momento de descanso dos serviços domésticos (inversão de papéis de gênero, porquanto, a casa e os filhos ficam sob a responsabilidade do homem); de socialização com outras mulheres; lugar de transmissão de conhecimento; mas também, de angústia e solidão para outras. Em suma, é uma forma de resistência contra a dominação masculina; de controle sobre os seus próprios corpos, de ordem social e práticas de pureza, e esse protagonismo feminino, possivelmente, é herdado da tradição matriarcal de sua linhagem da rainha de Sabá.

3 ORIGEM DOS JUDEUS ETÍOPE: HISTÓRIA DA ETIÓPIA, CUXE E AKSUM¹⁰

Para uma melhor compreensão da distinção entre Etiópia, Cuxe e Aksum, e do papel de cada um ao longo da História dos judeus etíopes, foi escrito este capítulo inicial (complementar ao que vai ser apresentado em seguida a ele), já que essas regiões podem se confundir, haja vista do Egito Antigo ser compreendido como Cush¹¹- Alto Egito, integrando a Núbia, mas, também, a “Etiópia” foi designada, por muito tempo, como todo o continente africano- pelos gregos-, ou uma terça parte dele (MUDIMBE, 1994, p. 26). Seguindo a descrição do próprio *Kebra Negast*,

{...} o limite oriental do reino do Rei da Etiópia é o começo da cidade de Gâzâ, na terra de Judá, isto é, Jerusalém; e seu limite é o Lago de Jericó, e passa pela costa de seu mar em Lêbâ e **Sâbâ**; e sua fronteira desce para Bísís e ‘Asnêt; e seu limite é o Mar dos Homens Negros e Nus, e sobe o Monte Kêbêrênêyôn no Mar da Escuridão, ou seja, o lugar onde o sol se põe; e seu limite estende-se a Fênê’êl e Lasîfâlâ; e suas fronteiras são as terras (próximas) ao Jardim (isto é, Paraíso), onde há alimento em abundância e fartura de gado, e (próximo a) Fênêkên; e sua fronteira chega até Zâwêl e passa pelo Mar da Índia; e seu limite vai até o Mar de Tarsís, e em sua parte remota jaz o Mar de Medyâm, até chegar ao país de Gâzâ; e seu limite é o lugar onde (nossa enumeração) começou. (2014, p. 160).

A Etiópia histórica remete às atuais terras altas da Etiópia e Eritreia e parte da costa da Eritreia. Posteriormente, o poder se espalhou para o sul, para as regiões de Lasta, Semien, Gondar e a área ao redor do Lago Tana. No tocante à origem dos etíopes, E. Drouin (1882) os classifica como sendo ela kushita da Ásia, assim como os fenícios e os sabes, ou seja, semita; e africana- kamiles, que já estava de posse do solo na época da imigração kushita no Vale do Nilo. O autor também aponta figuras como Homero, na Odisseia, que já dividia os etíopes entre africanos e asiáticos; Estrabão¹² e o anônimo do

¹⁰ “Antiga transliteração do nome Axum.” (LOPES. 2011, p. 23).

¹¹ “Alguns modernos pesquisadores sustentam, segundo M. Bernal, que o nome bíblico "Kush" (Cuxe) referente em geral à Núbia [porque Cuxe absorveu vários reinos núbios nas suas pretensões expansionistas] e à Etiópia é também usado para designar outras duas regiões e seus povos — midianitas, na Arábia ocidental, e cassus ou cassitas, no leste da Mesopotâmia - que dominaram essa região em meados do segundo milênio a.C. Entretanto, embora pareça ter havido dois povos distintos a usar o nome, em ambos os casos, segundo Bernal, isso parece ter sido feito para nomear povos de pele escura, como o foram os midianitas, habitantes do sudeste de Canaã, muitos dos quais seriam, como os árabes meridionais de hoje, parecidos com os somalis e outros povos do nordeste africano. Note-se ainda que a civilização de Querma, pode ser qualificada como "cuxita", já que florescida no ambiente núbio do bíblico “País de Cuxe” [e foi considerada uma metrópole cosmopolita da época].” (LOPES. 2011, p. 73-74).

¹² “Historiador grego (58 a.C.-25 d.C.). Segundo M. K. Asante, sacerdotes do Egito faraônico atraíram filósofos e matemáticos gregos, como Eudoxos de Cnidos e Pitágoras, para estudar na África e se beneficiaram da instrução quemética, não lhes transmitindo, entretanto, todo o conhecimento de que eram detentores.” (LOPES. 2011, p. 123).

Périplo do Mar da Eritreia. Os estudos de Drouin ainda fazem uma declaração confrontante com toda a História antiga produzida sobre a Etiópia: “As populações da Etiópia eram, sem dúvida, então tribos errantes e bárbaros, que estavam longe de ter um estado político regular e de incluir uma série de reis, como as lendas populares fizeram mais tarde” (1882, p. 106, tradução nossa).

É provável que sob o nome de Etiópia fossem entendidos Núbia e Habesh ou Abissínia, ou seja, todo o espaço entre a ilha de Philia, em direção ao 24° de latitude, e o país de Pontel de Nhasiou, em direção ao 10° de latitude norte. {...} Os textos hieroglíficos a tratam como vil, miserável, khist, provavelmente por causa da inferioridade da raça [na concepção deles], ou talvez por causa das guerras que os egípcios tiveram que sustentar contra ela [Etiópia] por muito tempo antes da XII Dinastia [C.1850 a.C], época de sua anexação ao reino dos faraós [ligada a Cuxe, com capital em Querma]. (DROUIN, 1882, p. 103, tradução nossa).

Mas a simples província egípcia administrada por vice-reis (com capital na Núbia) veio a tomar o título de “príncipe de Kousho”, ou seja, a Etiópia tornou-se independente sob Her-hor, Cuxe ainda estando sob a civilização egípcia; e, ainda no final do mesmoséculo, IX, este conquistou sua liberdade. O seu rei Kachta se lançou a conquistar um império, e o herdeiro do seu trono, Piankhi, em 725 a.C, seguiu o caminho do pai, reinando do Mediterrâneo até as fronteiras da Etiópia, chegando a dar ao Egito sua XXV^a dinastia, chamada “Etiópe”¹³, entre 758-745, transformando, portanto, a antiga região subordinada do sul no Império de Cuxe¹⁴, privilegiado por sua

{...} localização geográfica que facilitava as trocas entre os povos da floresta, do deserto, do Mar Mediterrâneo e do Mar Vermelho. Com acesso pelo rio Nilo, a civilização cuxita construiu ampla rede comercial, além de desenvolver tecnologias inovadoras no campo da mineração, joalheria, cerâmica, tornando-se um dos mais importantes centros econômicos do mundo antigo. (FONSECA, 2021, p. 17).

Todavia, em 666 a.C, os assírios¹⁵ invadiram o Baixo Egito e, com isso, os cuxistas se retiraram para sua região de origem (Etiópia, Somália e Sudão atuais), mas

¹³ “{...} os registros mais precisos do passado etíope ou abissíneo vêm da XXV dinastia do Egito faraônico, representada por governantes núbios ou cuxitas e, por isso, dita "etíope". Dessa forma, a antiga história etíope está efetivamente ligada ao reino de Cuxe, do qual, provavelmente por meio de várias pequenas unidades provinciais, teria feito parte em algum momento.” (LOPES, 2011, p. 125).

¹⁴ “Embora sediando uma dinastia [e disputando a reconquista do Egito posteriormente, tendo como figura emblemática, desse período, Aspelta] que se queria ainda governante de parte do Egito faraônico, [Cuxe] começa a desenvolver-se de forma autônoma, consolidando sua libertação da influência egípcia. {...} É nessa época, então, que efetivamente se estrutura a civilização cuxita, a qual, gestada por Querma [em 2.500 a.C, e foi a primeira capital de Cuxe], projetou-se principalmente a partir de Meroé e perdurou-se até a Era Cristã.” (LOPES, 2011, p. 76).

¹⁵ “Povo guerreiro e conquistador da antiguidade mesopotâmica. Por volta de 700 a.C., dando curso à sua expansão imperialista, chega às fronteiras de um Egito já debilitado. É temporariamente detido pelos núbios de Piye mas, com Senaquerib e Assurbanipal, no século VII a.C., logra a primeira conquista do país.” (LOPES, 2011, p. 39).

conservaram sua independência. O que traz à lembrança a menção à Etiópia e ao Egito, quando o reinado egípcio dos faraós núbios, etíopes e egípcios uniram forças contra os assírios de Sargão II, no livro de Isaías (escrito cerca de 700-680 a.C.)¹⁶, capítulos 18, 19 e 20.

Já Aksum não é a mesma coisa que a Etiópia faraônica, mas sim, se referia a capital de Tigray, muito mais ao sul, aliás, do que Napata, Kipkip, Astamouras, Baroua (Méroé), Kerkis e todas as cidades da Núbia citadas no dicionário geográfico de Brugsch, e permaneceram completamente alheias aos grandes eventos históricos. Aksum, portanto, formou um reino totalmente diferente, de importância relativamente secundária, e não aparece na história até o primeiro século de nossa era, quando a antiga potência egípcia da Etiópia havia sido absorvida pela dominação grega (DROUIN, 1882, p. 105). Outrossim, no relato de Estrabão sobre a campanha de Petrônio¹⁷ contra cãdace, rainha dos etíopes, não é mencionado o nome dos axumitas; Só no Périplo do mar da Eritreia¹⁸ temos a primeira menção propriamente dita quanto ao reino dos axumitas. Em suma, o primeiro período da história da Etiópia, que vai até o reinado de Bâzen, as tradições são confusas, a maioria posterior ao nascimento de Cristo, e não se tem mais nada preciso sobre a história de Abissínia até as inscrições gregas d'Adulis (DROUIN, 1882). Por outro

¹⁶ Profeta bíblico atuante no reino de Judá entre 740 e 687 a.C., durante o domínio da XXV dinastia cuxita, dita "etíope", no Egito. Na Bíblia, os capítulos de 18 a 20 do "Livro de Isaías", conjunto de mensagens oraculares a ele atribuído, aludem ao povo da "Etiópia", certamente em referência aos cuxitas, qualificando-os como "povo forte e poderoso", cujos mensageiros "descem o rio Nilo em barcos feitos de junco", "gente alta e de pele lustrosa, um povo de medo e que vive numa região dividida por rios." (LOPES, 2011, p. 169)

¹⁷ "O soldado romano Strabo registrou a guerra que a Candace moveu. Os romanos haviam conquistado Alexandria em 30 A.C e se intitularam donos do Egito e imediatamente entraram em conflito com Cuxe ao tentar se assenhorar de uma região sob domínio Núbia. De acordo com Strabo, entre 29-24 a.C. o exército cuxita cruzou a fronteira com o Egito, atacou a cidade de Philae, Syene e Elephantine onde derrotou a guarnição romana e derrubou estátuas de Caesar. Os romanos reagiram, saquearam algumas cidades caxias e pilharam Napata. A Candace tentou negociar diplomacia. O general Petrônio optou por ignorar a sua embaixada, mas ao perceber que estava em posição desvantajosa e diante do poderio da Candace, ele recuou. Ele montou uma guarnição em Premmis, na Baixa Núbia, e retornou para Alexandria. Assim que ele se retirou, Candace reuniu seu exército e atacou Premmis. Houve guerra, Candace mandou embaixadores diretamente a Caesar. O resultado foi que os romanos se retiraram de Premmis e renunciaram ao tributo que haviam tentado impor aos habitantes da Baixa Núbia. O relato de Strabo informa que a guerra era liderada por uma rainha negra chamada Candace, que teria ficado cega de um olho após ser ferida em campo de batalha. [Com isso, conclui-se que esse título não indicava que elas conduziam somente o seu potentado, mas também comandavam exércitos]. Importante destacar a atuação diplomática das Candaces. Cuxe tinha consulados e embaixadores em boa parte do mundo e controlava as rotas de mercadorias de luxo: ouro, marfim, ébano, incenso, olhos raros, pedras preciosas, peles de animais, cerâmicas finas. Portanto, essas mulheres governaram um grande império [um dos maiores da antiguidade], com ampla inserção nos mercados internacionais da Antiguidade." (FONSECA, 2021, p. 18-19).

¹⁸ "Documento escrito no início da Era Cristã por um mercador marítimo não identificado. Um dos textos mais preciosos sobre a história da África pré-islâmica é, na verdade, um guia náutico redigido com a intenção de instruir sobre as possibilidades comerciais da costa oriental africana. Observe-se que essa porção do continente era frequentada desde o Antigo Império por egípcios em busca de incenso e resinas aromáticas e por fenícios desde o século X a.C." (LOPES, 2011, p. 236).

lado, “Segundo autores etíopes, foi no ano 8 do reinado de Bâzen que nasceu Cristo; pela importância do evento, pode-se ter a indicação como exata e considerar o último rei do primeiro período [até Axum invadir Meroé e anexar toda sua história de glória a sua própria história] como contemporâneo da era Cristã” (DROUIN, 1882, p. 106). E foi nessa fase de Aksum que houve o cisma dos judeus etíopes com o potentado da Etiópia, que entenderemos melhor no próximo capítulo.

Sobre a dinastia da linhagem Salomônida¹⁹, ela foi a mais longa da História universal- três mil anos (LAMBERT, 2001, p. 125): Segunda a perspectiva do *Kebr Negast*, os tempos históricos começam por Menelik²⁰, em oposição à era fabulosa, quando o avô deste, o forasteiro Agabos, derrota o “Príncipe Serpente Arwe”²¹ e livra o povo do seu jugo, e dá origem a Aksum. E esse é o mito²² fundador da dinastia nativa Shawan (1270-1974), com isso, o então tratado religioso foi composto para a glorificação da dinastia Salomônida, iniciada pelo négus Yekuno Amlak (1268-1283), só derrubada na década de 1970, por uma revolução popular. “[Até esse momento], o título oficial de Haile Selassie era ‘Sua majestade imperial Rastafari Makonnen Haile Selassie I, imperador da Etiópia, Eleito de Deus, Rei dos Reis, Leão de Judá’” (ADAMU, 2009, p. 477, tradução nossa). Isso era constitucional!²³ Por essa razão, desde a década de 1980 iniciou-se a Aliá²⁴ do Beta Israel²⁵, com tudo isso, em linhas gerais, a memória dos judeus etíopes vem sendo ainda mais negligenciada, mas eis uma proposta de retomada dessa história.

¹⁹ Oficialmente, ela é originada no século XII d.C, mas dada as reivindicações de ascendência salomônica, ela é proveniente do século X a.C, com o filho de Salomão.

²⁰ “Os ancestrais de Maqueda, entre eles seu pai, Ze Caouissian, edificam, com o auxílio dos hicsos, grandes templos, semelhantes aos da Núbia. A capital do reino se estabelece, segundo a tradição, primeiro em Sabá, depois se transfere para Axum, onde Caouissian ergue um palácio. {...} Com Meneliq o reino ganha autonomia e se transforma em império.” (LOPES. 2011, p. 127).

²¹ “Provavelmente a partir da segunda grande migração proveniente da Arábia meridional, à época do domínio hicsos no Egito, a região de Punt [“país de Punt”, porção sul] passa a ser dominada por uma casta sacerdotal chamada Aroue (Arue), dedicada ao culto da serpente Arevie. Por essa época, o planalto da Etiópia foi em várias ocasiões alcançado por outras tribos vindas da Arábia, que se miscigenavam aos nativos. Nesse tempo, um príncipe de nome Baessi Angabo derrota a casta sacerdotal Aroue e cria uma dinastia qual nascerá Maqueda, a futura Rainha de Sabá.” (LOPES. 2011, p. 127).

²² Novamente, “Os relatos míticos e lendários não podem ser desprezados como fonte histórica, pois não são apenas fruto da imaginação ou da criatividade dos antigos. Sempre constituem versões alteradas de acontecimentos reais, originados, entretanto, de uma verdade. O que é preciso é, em cada um deles, identificar o respectivo mitologema, o fato gerador do mito, para chegar à essência do fato narrado por meio de sua interpretação.” (LOPES. 2011, p. 200).

²³ Constituição da Etiópia de 1955.

²⁴ É o termo que designa a imigração judaica para a Terra de Israel.

²⁵ Especialmente as duas evacuações em massa de Beta Israel da Etiópia são conhecidas: “Operação Moise” em 1984 e, “Operação Solomon” em 1991.

4 ORIGEM DOS JUDEUS ETÍOPES: DAS NARRATIVAS DOS FLUXOS MIGRATÓRIOS, DO CISMA COM O ESTADO DA ETIÓPIA ÀS MENÇÕES NA LITERATURA

4. 1 *Cisma dos judeus etíopes com o Estado da Etiópia*

A princípio, a história do primeiro cisma da Etiópia (relatado no *Kebrä Negäst*), começa após a briga dos dois filhos do Rei Kaleb (século VI), iniciada quando este tira o direito do seu primogênito Beta Israel, não se sabendo ao certo do porquê, de governar Aksum (sede do potentado etíope cristão), dando-o as regiões recentemente submetidas em Himyar²⁶. Derrotados os judeus himyaritas²⁷, também se tornaram prisioneiros de guerra da entidade política de Aksum (VI e VIII d.C.)²⁸. E não precisa dizer que aquela ficaria sob o poder do segundo filho do rei, Gabra Masqal. Com isso, de acordo com esse livro sagrado dos etíopes, os dois irmãos se encontraram no "Mar do Sul" e lutaram entre si pelo poder da capital do Império e, nesse ínterim, o irmão mais novo saiu vitorioso. Portanto, Beta Israel²⁹ ficou com as terras de Himyar e permaneceu adepto a religião deles, o judaísmo; e Gäbrä Mäsqäl governou Aksum. Não obstante, a destruição da dinastia da casa de Gabra Masqal chega pelas mãos da Rainha Judith/ Gudit (século X), que anteriormente era membro da família real de Aksum, representando a vitória do povo "judeu"³⁰. Daí surge a Dinastia Zâgues (1137-1270), mas o governo foi afetado por violentas lutas de sucessão e, subseqüentemente, é fundada a Dinastia Salomônida (1270), sendo posteriormente reafirmada e legitimada pelo imperador Amda Seyon I, neto do fundador.

4. 2 *Menções aos judeus etíopes na literatura*

O termo Ayhud é usado para se referir aos judeus etíopes desde 1270 (WALDRON, 1993). O nome popularmente conhecido para se referir a estes é "falasha", mas tem uma perspectiva pejorativo, tendo partido da raiz semítica PLSH, "invadir", que quer dizer

²⁶ Que diz, "terra de judeus". Himiar ou Reino Himiarita, antigamente chamado Reino Homerita pelos gregos e romanos, foi um estado localizado no sudoeste da Arábia, datado de 110 a.C.

²⁷ Que diz "país de Sabá" com o "Rei de Judá".

²⁸ Essa ocorrência será melhor desenvolvida no capítulo III seguinte.

²⁹ Que diz, "Casa de Israel", mas o Kəbrä Nägäšt o chama de "rei de Nagran".

³⁰ Será entendido mais a frente o porquê deste termo está entre aspas.

“estrangeiro” ou “invasor”. A possível origem desse termo é mapeada após a renovação da dinastia Salomônida por Amda Seyon I, no tempo do rei Yeshaq (século XV), quando alguns Beta Israel permaneceram fiéis ao “sistema feudal” estabelecido pelo monarca, logo, foi dado um decreto por sua parte: “Aquele que é batizado na religião cristã pode herder a terra de seu pai; caso contrário, deixe-o ser um Falasha. {...} Uma nota marginal a essa passagem no manuscrito diz: “Desde então, o Beta Israel foi chamado de Falahoch.”” (MULLER, 2018, p. 282, tradução nossa).

Vale ressaltar, o maior número de menções negativas a judeus é encontrado nos escritos do século XV, do Imperador Zar’a Ya’ecob (MULLER, 2018). Isso, conjecturando, talvez por um complexo de negação, conquanto, apesar de ser um governante cristão, ele é meio falasha, fruto de um casamento dinástico etíope e Beta Israel, na tentativa, possivelmente, de reaproximação desta casa com a do seu irmão Gabra Masqal. Portanto, poderá se notar que ao longo do tempo sempre houve uma dialética, embora na maioria das vezes tensa, entre as duas casas. Com a mudança da capital imperial de Shawa, no sul ou centro do império, para a área do Lago Tana no noroeste, aumentou a relação direta com algumas das áreas mais importantes do assentamento falasha em e ao redor das altas montanhas do Samen, daí que se deram algumas casamentos dinásticos, como também, espera-se, apesar dos escassos registros e debates, em camadas populares. Por outro lado, com o triunfo de Susneyos (1607-1632), pôs-se fim a quaisquer outras alianças dinásticas com o Beta Israel, porquanto, este possuiria uma religião mais “judaica” do que o cristianismo ortodoxo do Estado etíope (PANKHURST, 1997, p. 453).

Voltando para as menções aos judeus etíopes em fontes escritas, é importante ressaltar que:

Só depois da queda da dinastia Zâgues (1137 a 1268), vemos surgir, na corte dos seus reis sucessores, um funcionário, uma espécie de historiógrafo oficial, responsável por dirigir a redação dos anais do reino. É nessa época que remonta a crônica de Aksum, o monumento mais antigo conhecido, do qual restam apenas fragmentos datados de Ameda-Tsion I (1312-1342). (DROUIN, 1882, p. 100, tradução nossa).

Por sua vez, do tempo de Amda Seyon I em diante, fontes escritas suficientes foram transmitidas e agora nos permitem analisar a descrição dos judeus na Etiópia, pelo menos na visão do reino cristão etíope. (MULLER, 2018). Em 1332, temos a primeira menção clara de grupos judaizados ao redor do Lago Tana, na crônica da Guerra de Amda Seyon I, “As gloriosas vitórias de Amda Seyon” (CARVALHO, 2013).

Some-se a isso, Kaplan (1985, p. 278) afirma que o Gadla Gabra Masih (final do século XV- ou início do século XVI)³¹ é a mais antiga referência ge'ez³² a um falasha como um judeu. Ele ainda declara que talvez o texto mais antigo a identificar especificamente os falashas como judeus, é a obra árabe do século XVI, Futuh al-Habasha- O cronista de Ahmad. Mas ele não teria sido o único a escrever no século XVI, pois o cabalista Abraham Levi (1528), de Jerusalém, relata: “{...} Falasha é um forte reino de judeus valentes e habitam em tendas viajando de um lugar para o outro para pastar seus rebanhos” (KAPLAN, 1985, p. 279, tradução nossa). “Embora os falashas sejam frequentemente e popularmente referidos como “judeus” etíopes, eles eram um dos vários grupos mencionados nas crônicas ge'ez, hagiografias, e trabalhos teológicos como “judeu”.” (KAPLAN, 1985, p. 279, tradução nossa). Mesmo assim, o nome “falasha” era usado no século XVI (não era comum antes) para designer o Beta Israel em fontes ge'ez, árabe e hebraico.

A chegada de notícias ao Ocidente sobre a existência dos judeus etíopes, em especial, foi a partir do final do século XIX (CARVALHO, 2013), mas desde o século XVIII, possui-se relatos de viajantes ocidentais que já o chamavam claramente de “judeus”. E, curiosamente, o Beta Israel nunca tinha se referido a si mesmo como judeu, antes do contato com judeus missionários no século XIX, inclusive, no início do século XX, “judeu” não foi um termo usado pelos próprios Beta Israel (MULLER, 2018).

Outrossim, “A maioria dos textos religiosos e instituições dos judeus etíopes foram derivados direta ou indiretamente dos homólogos cristãos, refletindo novamente a complexa inter-relação. [A língua sagrada é a mesma do cristianismo etíope- gue'ez; o seu conjunto de livros sacros, “Orit” (compilado no século XIV), é em uma versão idêntica à da Igreja etíope; mais curiosamente, o clero deles seguiu a mesma hierarquia que a da Igreja Etíope]. [Evidências no Gadla Tdkli Hawaryat tratam da disposição dos falashas em se aliar aos cristãos, em especial, aos dissidentes, como o fez Qozimos (KAPLAN, 1985, p. 280), principalmente, na nomeada por Kaplan (1993), Era Histórica, chegando o exército ser composto tanto de falashas, quanto de cristãos liderados pelo falasha Seyum de Salamt]. A prática única do monarquismo judaico foi adotada durante esse período depois do monge do Lago Tana, Gozmos, receber refúgio, seguido pela incorporação de sua teologia monástica” (JAMES, 1993, p. 161, tradução nossa), mas foi

³¹ Não foi possível identificar o ano quando este registro foi feito, só há uma estimativa, porquanto, o Kaplan só especifica o tempo referente ao seu autor, o monge estefanita, Gabra Masih.

³² Antiga língua semítica etíope.

Abba Sabra que introduziu o monarquismo ao Beta Israel. Sendo assim, “Os estudiosos adotaram prontamente essa história do monge cristão, como uma indicação histórica do desenvolvimento da comunidade judaica, provavelmente porque foi transmitido por escrito.” (MULLER, 2018, p. 282, tradução nossa).

4. 3 *As correntes exógenas sobre a origem e a formação identitária dos judeus etíopes: fluxos migratórios limítrofes e endogênicos*

É destacado, por estudo de DNA, da origem dos judeus etíopes ser local - Etiópia (ADAMU, 2009, p. 471), portanto, “Estudiosos modernos da história etíope e judeus etíopes como James Quirin, Steve Kaplan, Kay Shelemay e Harold Marcus, consideram o Beta Israel como um grupo nativo de cristãos etíopes cujas práticas bíblicas foram adotadas e passaram a se ver como judeus” (p. 471-472). Some-se a isso, Muller (2018) argumenta que a origem desse grupo étnico se dá devido a interpretações de regras bíblico-hebraicas (ou heranças judaicas) / disputas cristológicas oriundas da chegada do cristianismo na Etiópia, no século IV, no tempo do rei Ezana; e se desenvolveram séculos mais tarde, sob o governo de Zar’a Ya’eqob (século XV), perpetuando-se com a chegada dos missionários jesuítas no século XVI, gerando uma religião mais “judaica”. Mas sobre o processo de formação identitária dessa “origem” dos judeus etíopes, fica a reflexão de Stuart Hall, em “*A identidade cultural da pós-modernidade*”:

{...} [a identidade é uma] “celebração móvel”; formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam (Hall, 1987). É definido historicamente, e não biologicamente. O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de “eu” coerente. (HALL, 2010, p. 13).

Ou seja, não é possível afirmar que se tem “uma identidade”, pois não é possível encontrar verdades absolutas sobre as identidades, pois elas são contraditórias ou não resolvidas. Sendo assim, o que se tem como “identidade construída”, na verdade é um processo identitário, e assim foi/é o Beta Israel, um dos grupos de etíopes que reivindicam o judaísmo e a linhagem sabaítica. Por outro lado, a perspectiva é de “A identidade, então, costura (ou, para usar uma metáfora médica, "sutura") o sujeito à estrutura {...} tornando ambos reciprocamente mais unificados e previsíveis.” (HALL, 2005, p. 12), conquanto, “Há uma poderosa demanda por uma distintividade étnica [especialmente em meio à Globalização] pronunciada (embora simbólica) [nessa busca pela conservação de

alteridade] e não por uma distintividade étnica institucionalizada [pelo menos, não necessariamente]." (HALL, 2005, p. 96).

O *Kebra Negast* relata tensões militares do négus³³ Kaleb axumita com os judeus Himyaritas e, no século VI, o rei etíope se uniu com o Imperador bizantino, Justino I, contra o rei judeu de Himyar, YusufAs'ar Yath'ar, e este sai derrotado. Um ponto curioso é de Himyar ser o mesmo nome pelo qual os árabes costumam designar o antigo reino de Sabá- tendo a identidade natural da “cidade de Himyar” com Mareb (no Targum, é o mesmo que cidade de Qitor)-, apesar da literatura judaica, anterior ao Islã, ignorar absolutamente este nome geográfico (JOSEPH, 1904). Quando houve a separação de Beta Israel do reino da Etiópia, como supracitado, ele permitiu que o judaísmo permanecesse como a fé dos himyaritas, ou seja, pode ter partido daí a influência de uma formação comunitária mais concreta de etíopes como judeus, por conta do rei que deu nome a comunidade dos judeus etíopes, resgatando a outra religião monoteísta, ligando a história de Sabá e sua rainha (conforme iremos desenvolver mais a frente). Em consonância, na passagem do Novo Testamento³⁴, no diálogo do etíope (mordomo da rainha Cândace³⁵) que veio “para adorar” na Judeia, e o discípulo de Jesus, Felipe, é de se supor já a existência de uma comunidade de judeus na Etiópia e a presença deles em Jerusalém em peregrinação não fosse incomum. Esse registro também é um exemplo de que a difusão das ideias de Cristo se iniciou pela África, junto com a adoção do cristianismo pelo reino

³³ Traduzindo, “Monarca”.

³⁴ Em Atos 8.26-40.

³⁵ Nome-título que diz “Rainha-mãe”, pelo qual o poder seria passado aos descendentes através da via feminina. Os antecedentes dessa estrutura matriarcal, consolidada por Xanacdaquete (170-150 a.C)- apesar de no “Pseudo-Callistenes, em Alexander Romance escrito no século IV a.C, informa do Alexandre, O Grande, visitou amigavelmente a “Candace, a rainha preta de Meroé”” (FONSECA, 2021, p. 18)-, de mulheres efetivamente governantes em Meroé, abarcando todos os poderes da administração- civil e militar-, é atribuído à importância da “onipresença” de mulheres na corte, exercendo seu papel político, como também, à regra da sucessão do trono pela linha materna. {...} Além disso, “o clero amoniano era o único a admitir mulheres, como era o caso das Divinas Adoradoras de Tebas e das Tocadoras de Sistro, em Cuxe. {...} Segundo Diodoro da Sicília, citado em Brissaud, entre os cuxitas os sacerdotes ocupavam o primeiro lugar no Estado, tendo inclusive o poder de ordenar ao rei que morresse, tumeira que desde assim o dissesse o oráculo- numa regra costumeira que subsistiu, no antigo Daomé, até o século XVIII da era cristã” (LOPES, 2011, p. 60-61, 80). Sendo assim, “Kashta [fundador da 25ª dinastia do Egito (Terceiro Período do Intermediário, 700 a. C)] se consolidou no poder através da nomeação de sua filha Amenirdas I como sacerdotisa do templo de Thebas. A bela moça logo assumiu ao cargo máximo de Alta-Sacerdotisa "a divina esposa de Amon", responsável por confirmar o poder espiritual do Faraó. Após seu filho Pianky (Pye) expulsar os assírios, triunfou sobre os chefes do Norte e unificou os dois reinos. Mas o que realmente garantiu a poder de Pankhy como Faraó, foi a atuação de sua irmã Amenirdas junto aos sacerdotes de Amon, que garantiu que o deus Amom o havia escolhido como seu "campeão. A história de Amenirdas I mostra que as mulheres tinham poderes especiais na escolha do soberano, podendo interferir nas nomeações reais em função de suas capacidades espirituais [inclusive, para se dizer abençoada e escolhida pelos deuses], como a de se comunicar com Amon." (FONSECA, 2021, p. 17).

da Etiópia logo no início da Era Cristã, no século IV, fazendo-nos refletir quão africano é o cristianismo, e quão ocidentalizado e embranquecido ele foi.

Ademais, conforme Jean-Marie Lambert (2001), no reino cuxítico, por volta do oitavo século a.C, tem-se notícia de Napata³⁶, a qual também fora transformada em sua capital, mas antes ela já tinha sido elevada como centro tradicional do culto de Amon, deus-sol, simbolizado por um bode (LAMBERT, 2001, p. 124), mas desde o século XV a. C ela já era local de peregrinação onde se reuniam pessoas de todo Império do Egito (FONSECA, 2021, p. 17). Em consonância, no *Kebra Negast* é sinalizado dos etíopes adorarem ao Sol, “o sol é o rei dos deuses” (2014, p. 52), como também, é narrada a conversão da rainha ao “Criador do sol, o Deus de Israel” (2014, p. 53), isto é, ao judaísmo, apesar da narrativa se apresentar como proselitista ao cristianismo (pois é de narrativa cristã), sendo sem precedentes. Mesmo assim, os ensinamentos de Salomão à rainha de Sabá giram em torno do monoteísmo, e ela os difundiu aos seus súditos (*Kebra Negast*, 2014, p. 65). Mas um ponto curioso quanto a isso, é que antes da adoção do cristianismo, registros da cultura material sugerem dos cultos solares de origem sabeia terem livre curso em Axum, e não o judaísmo (MACEDO, 2017, p. 10) e, também, só posteriormente é ocorrido o cisma de Beta Israel com o potentado da Etiópe. Isso nos revela que essas transformações não foram tão rápidas e automaticamente aceitas, pelo menos, não amplamente, como o *Kebra Negast* quis mostrar (FONSECA, 2021, p. 26).

Algumas outras tradições orais diversas ainda trazem informações adicionais sobre uma narrativa feita no *Kebra Negast*: primeira, de que o Beta Israel seria descendente dos filhos do grupo de primogênitos da elite de Jerusalém, que foi relatada sendo enviada para voltar com o filho de Salomão, Menelik I³⁷, para sua terra natal (p. 73); Outra, é do grupo étnico descender dos artesãos quais também acompanhavam Menelik de volta à Etiópia, sendo daí talvez a especialidade dos judeus etíopes em artesanato, tanto é que eles foram procurados por artesãos e ajudaram a construir os castelos reais de Gondar (na Era Gondar- 1632-1755). Inclusive, durante o “Período dos Príncipes” seguido, quando o

³⁶ “{...} quando Cuxe tornou-se independente do Egito, uma linhagem dinástica permaneceu em Querma e outra constituiu, por volta de 920 a.C., um reino independente, com capital em Napata, mais ao sul, apoiado pelo clero de Amon [certamente núbios], expulso de Tebas [na união de Querma e os hicsos]. Então, o djebel Barcal foi sacralizado como o centro do culto desse deus. No século VIII a.C., a dinastia reinante conquista o Egito, por ela governado durante quase um século. Com a derrota de Aspelta pelos egípcios em c. 593 a.C. e a destruição da cidade, a capital cuxita é transferida para Meroe. Mas alguns registros parecem indicar o erguimento de uma nova Napata, onde teriam reinado alguns soberanos dissidentes. Em algumas referências históricas, o etnônimo "Napata" designa o próprio Estado: o "reino de Napata".” (LOPES, 2011, p. 207, 74).

³⁷ Que significa “o filho do sábio”.

poder central estava suspenso, os judeus etíopes perderam esse papel econômico, além de ter perdido suas terras ao longo do tempo e, foram limitados a tarefas desprezadas por séculos, como olaria e ferragem (MULLER, 2018). Outra explicação possível para a origem dos judeus etíopes seria a migração de judeus (hebreus) ainda no período do I templo de Israel para a região (ou seja, no período do rei Salomão também), provocada por guerras e revoltas, embora não haja fontes históricas que corroborem com isso (CARVALHO, 2013).

A historiografia tem mais creditado como a origem dos judeus etíopes ter se dado por meio de fluxos migratórios do Iêmen (CARVALHO, 2013, p. 9); ou entre os séculos IV e VIII d. C, quando as relações da Abissínia com o Sul da Arábia, mais especificamente com a área geográfica correspondente ao atual Iêmen (judeus instalados na Arábia), se intensificaram, no tempo em que a cidade de Axum tornou-se a sede do reino cristão etíope; ou ainda em uma data mais remota³⁸. Não em vão, tanto as línguas indígenas do sul da Arábia, quanto as línguas amárica e tigrínia da Etiópia são da mesma raiz- línguas semíticas abissínias, até mais do que a dos egípcios (dada as influências do sabeu, a língua de Sabá, nos falares abissínios³⁹) (MACEDO, 2017, p. 10))-, o que confirma ainda mais o contato cultural que existiu por muitos séculos entre elas. Vale ser destacada as tradições de Sabaen listadas com os nomes dos reis governantes nesse sul da Arábia, época na qual a rainha Sheba deveria ter sentado ao trono (ADAMU, 2009, p. 474), e diversas evidências arqueológicas atestam a existência de um potentado denominado Sabá (Sheba, Shaba) em meados do I milênio a.C, no território do atual Iêmen (MACEDO, 2017, p. 10). Sob outro ângulo, essa disputa da exata localização histórica do reino de Sabá⁴⁰ pela região sul da península Arábica e o leste da África, na verdade, pode ter sido porque Sabá pertenceu a ambos os territórios, na chamada “Arábia Feliz” (FONSECA, 2020), ou porque ambos os territórios estiveram sob o domínio do Império de Cuxe, e a estreita ligação entre eles ter originado o reino etíope de Axum,

³⁸ “A Etiópia sabeia - Por volta do ano 1000 a.C., povos semitas do reino de Sabá (Sheba), no atual Iêmen, começaram a migrar através do estreito de Bab-el-Mandeb e absorveram as populações cuxitas do litoral da Eritreia e dos planaltos adjacentes. Esses migrantes ergueram as bases do reino de Axum, o qual, no fim do século IV d.C., dominou o norte da Etiópia.” (LOPES. 2011, p. 126).

³⁹ Origem indígena-iiabeshy dos árabes.

⁴⁰ “Um mapa do mundo do Antigo Testamento, estampado em Boyer, consigna uma localidade denominada "Sebá" às margens africanas do mar Vermelho; outra, próxima ao golfo Pérsico; e uma "Sabá" ou Ofir no atual Iêmen. O nome "Sebá" remete, na Bíblia, ao neto de Cam e bisneto de Noé; e "Sabá", a um neto de Éber, descendente de Sem. Entretanto, o gentílico "sabeu" parece referir-se a ambos os povos. O Kebra Nagast localiza Sabá na região montanhosa da Etiópia, ao norte do moderno golfo de Aden, Segundo alguns autores, a confusão com a localidade no atual Iêmen dever-se-ia provavelmente a textos medievais árabes, como os do historiador Ibn Ishaq, escritos no século VII d.C.” (LOPES. 2011, p. 265).

aliás, estas antigas regiões apenas são separadas pelo estreito de Bab-el-Mandeb (LOPES. 2011, p. 163).

5 AS ORIGENS DE SABÁ E OS INTERCÂMBIOS CULTURAIS ENTRE SABÁ/CUSH/ETIÓPIA E OS HEBREUS⁴¹/ISRAEL

5.1 *Origem do reino de Sabá/Cush/Etiópiã e da sua rainha; e a gênese dos seus intercâmbios culturais com os hebreus/Israel, em fontes teológicas*

Em primeira análise, vai ser perceptível que foi possível fazer, ao longo deste trabalho, correlações de menções a Etiópiã⁴²/Sabá/Cush⁴³ da fonte histórica bíblica com textos acadêmicos, já que esta foi um objeto primordial para o desenvolvimento desta pesquisa. Como dito, a *Tanach* e o Velho Testamento foram os pioneiros em relatar o encontro da rainha de Sabá⁴⁴ com o rei Salomão, em I Reis 10: 1-13 e em II Crônicas 9: 1-12, registro esse qual rendeu muita história, para muitos, de modo inexplicável e intrigante. Ademais, no Novo Testamento é descrito que Jesus Cristo a chamou de “rainha do Sul”, indicando uma profecia de que e os ninivitas julgarão a geração cujos contemporâneos de Jesus o rejeitaram (Mateus 12. 41 e 42; e Lucas 11. 31 e 32), com isso, a rainha se tornou símbolo da conversão dos pagãos ao monoteísmo (FONSECA, 2021, p. 23). Sob outro ângulo, no tocante ao versículo 9 (do texto bíblico relatando o encontro), Champlin (2018) afirma da frase “abençoou ao Senhor” (Yahweh), dita pela rainha, ser reconhecendo tudo quanto Ele havia feito, não significando, portanto, que ela tenha se convertido à fé dos hebreus. Entretanto, a tradição judaica ajunta dela ter adotado a religião dos judeus (CHAMPLIN, 2018, p. 419).

Depois, foi a vez dela ser relatada no aramaico Targum Sheni (séculos IV e XI a.C- vem do gênero da literatura rabínica conhecido como midrash), em seguida, no Alcorão e, finalmente, na obra etíope conhecida como *Kebra Negast*, sendo chamada de

⁴¹ Anterior nome dos israelitas/judeus.

⁴² “Para os hebreus, o nome Etiópiã parece ter designado, consoante mapa estampado em Boyer (ver Bibliografia), toda a região localizada abaixo de Mizraim (Egito), nas proximidades das atuais cidades de Atbara e Cartum, no Sudão. Os hebreus chamavam o país de Cuxe [eles foram os pioneiros a denominar assim, isto é, o uso mais antigo do termo “Cuxe” aparece em Gênesis, capítulo 2, versículo 13; e o significado do nome é “o pai do povo negro”] porque, segundo eles, fora fundado por Cuxe, um dos filhos de Cam, na tradição do Gênesis; e à região do atual Djibuti chamavam Havilá”. (LOPES. 2011, p. 124-125)

⁴³ É a terminologia bíblica correspondente a Etiópiã. Outro ponto, é que, segundo o *Dicionário da Antiguidade Africana*, a África então conhecida era chamada de “Afar” entre os hebreus. (LOPES. 2011, p. 16).

⁴⁴ Sua expressão bíblica grega é Malkat-Seba.

“Makeda”, uma abissínia⁴⁵; já na tradição árabe, é conhecida como *Balqis* ou *Bilqis*. Parece provável do Alcorão ter pego emprestado a história dos livros sagrados dos cristãos e judeus, conquanto, o trabalho islâmico regularmente faz uso de outro material mais antigo e, também, há uma forte crença no Islã dele ser o “Último elo de uma cadeia de revelações⁴⁶ na qual o judaísmo e o cristianismo [chamados “Povo do Livro” no *Al Corão*] são os elos anteriores⁴⁷. Escritos posteriores sobre a rainha de Sabá, vêm basicamente da história contada pela primeira vez no livro sagrado dos judeus, com algumas variações e cosmovisões, portanto, não há nenhuma evidência arqueológica, inscrição ou estatuária, do seu tempo, apoiando sua existência fora desses textos.

Nas escrituras judaicas e no Velho Testamento, o encontro entre a rainha de Sabá e o rei de Israel é descrito apenas como dois monarcas envolvidos em assuntos de governo; não há sinal de amor ou atração sexual entre eles. Na versão do *Kebrä Negast*, a rainha conhece Salomão através do comerciante Tamrin, o qual fez parte de uma expedição a Jerusalém, fornecendo material da Etiópia para a construção do templo de Salomão (2014, p. 42); e já nessa narrativa, principalmente, eles tiveram um envolvimento amoroso, antecedido pela conversão dela ao monoteísmo.

E o Rei foi para sua cama de um lado [do aposento], e os servos prepararam para ela [a rainha de Sabá] uma cama do outro lado. E Salomão disse a um jovem servo: “Lava a tigela e coloca nela uma vasilha de água enquanto a Rainha estiver olhando, fecha as portas, vai e dorme”. {...} E o Rei não tinha ainda adormecido, mas apenas fingia estar dormindo, e observava a Rainha atentamente. {...} E a Rainha dormiu um pouco. E, quando ela acordou, sua boca estava seca, com sede, pois a refeição que Salomão dera a ela, em sua sabedoria, deixou-a sedenta, e ela de fato ficou com muita sede, e sua boca estava seca; e ela moveu seus lábios e sugou com a sua boca e não encontrou umidade. E ela decidiu tomar a água que havia visto, olhou para o Rei Salomão, observou-o cuidadosamente, e pensou que ele estava dormindo um sono profundo. Mas ele não estava dormindo, ele estava esperando ela levantar-se, para roubar a água e [saciar] sua sede. E ela levantou-se e, sem fazer nenhum som com seus pés, foi até a água na vasilha e ergueu a jarra para beber a água. E Salomão pegou sua mão, antes que ela pudesse beber a água, e disse a ela: “Por que tu quebraste o juramento que juraste não tomar à força nada do que está em minha casa?”. E ela respondeu e disse para ele com medo: “O

⁴⁵ “Antigo nome da Etiópia [começando a ser chamado assim, aproximadamente, a partir do ano 2000 a.C), mais especificamente da região planáltina do maciço da Etiópia, no nordeste da África. Deriva provavelmente do nome árabe *Habash* ou *Habbasbat*, de uma das tribos iemenitas tidas, pela tradição, como fundadoras do país. Outras versões apresentam o nome como originário de um vocábulo cujo significado é “mistura de povos””. (LOPES. 2011, p. 13-14)

⁴⁶ Segundo tradições árabes e judaicas, o filho mais velho de Abraão e Agar (a serva egípcia de Sara, esposa de Abraão), Ismael é o patriarca da tradição árabe e, portanto, do islamismo; e seu irmão, Isaac, do judaísmo, cuja mãe é Sara. Portanto, o Abraão seria patriarca de ambas tradições e experiências de fé. Por isso, a grosso modo, o conflito no Oriente Médio entre judeus e muçulmanos seria uma “briga entre irmãos” (dado o peso do imaginário da história ancestral), para ver quem tem mais direito a essas heranças, tendo como grande símbolo “a terra prometida”, gerando, então, essas relações/lutas de poder/políticas/religiosas.

⁴⁷ Para saber mais: LEWIS, Bernard. “*Os árabes na História*”. In: “*A civilização islâmica*”. Lisboa: EditorialEstampa, 1982, p. 159.

juramento está quebrado pela água de beber?”. E o Rei disse a ela: “Existe alguma coisa que tu tenhas visto sob os céus melhor do que a água?”. E a Rainha disse: “Eu pequei contra mim mesma, e tu estás livre do teu juramento [de não a tomar a força]. Mas me deixa beber água para minha sede”. Então Salomão disse a ela: “Estou eu porventura livre do juramento que me fizeste jurar?”. E a Rainha disse: “Esteja livre de teu juramento, mas somente me deixa beber água”. E ele permitiu que ela bebesse a água, e, depois que ela havia bebido a água, ele realizou sua vontade com ela e eles dormiram juntos. (*Kebra Nagast*. 2014, p. 59).

Uma questão problemática é muitas vezes apontada nessa versão: Se essas artimanhas usadas pelo “amante das mulheres”⁴⁸ se concretizou em um abuso da rainha de Sabá, ou este trecho da narrativa pode ser considerado apenas como um enredo de sedução por parte do rei. Um texto da *Tanach* e do Velho Testamento que talvez pudesse cooperar com essa vertente de relacionamento amoroso entre os dois, é o Cântico dos Cânticos (ou Cantares de Salomão), que contém algumas referências as quais, por diversas vezes, foram interpretadas como se referindo ao amor entre Salomão e a rainha de Sabá, por conta da referência à pele morena queimada, às tendas de quedar (árabe). De qualquer maneira, não há nada identificando a personagem deste texto com a rainha estrangeira, rica e poderosa, descrita no Livro dos Reis. A mulher do texto da canção, provavelmente, indica ser uma das “filhas de Jerusalém”, tal como a conhecida Sulamita⁴⁹, a “preferida” de Salomão.

As primeiras menções do nome “Sabá” em escrituras sagradas são as seguintes: no livro de Gênesis tem duas: 10.6-7 e 10. 26-29⁵⁰, o que levanta outro debate: se a linhagem sabaítica é camita ou semita. Esta última alegação se fortaleceu em 1973, quando o rabino Sefaradim Ovadia Yossef admitiu de os Beta Israel serem descendentes da tribo perdida de Dan⁵¹, isto é, de linhagem semita. Sob outro ângulo, na obra “*The Beta Israel: Falasha in Ethiopia: From Earliest Times to the Twentieth Century*” (1992) é demonstrada uma análise ainda pouco difundida, de que os judeus etíopes não são uma tribo judaica perdida, mas sim um grupo étnico surgido na Etiópia entre os séculos XIV e XVI, pois o nome

⁴⁸ Referência ao termo usado no livro de 1 Reis 11.

⁴⁹ É o nome mencionado em Cantares de Salomão 6. 13 e 14, sendo o título utilizado para designar a mulher que aparece de forma destacada nesses textos poéticos sobre o amor, mais comumente associado (mas não é unânime) a uma mulher nativa de Suném. Sulamita ou Sunamita significa “a que possui a perfeição, ou é pacífica”, ou ainda, “a qual detém uma sensualidade que não passa despercebida por ninguém, e aprendeu a se valer desta arma”, some-se a isso, é também uma forma do nome Salomé.

⁵⁰ Nos primeiros versículos do capítulo 10, Cam, filho de Noé, é citado como pai de Cuxe e avó de Sabá. Já nos versículos posteriores, é mencionado outro Sabá, agora da linhagem do irmão de Cam, Sem. E, conforme o “*Dicionário da Antiguidade Africana*”, “Todos esses nomes designaram, na Antiguidade, regiões da África Oriental e da Arábia, o que poderia indicar, em termos históricos, a existência real desses personagens e seu papel de heróis fundadores.” (LOPES, 2011, p. 57).

⁵¹ Um dos filhos do patriarca Jacó, na tradição judaica e, também, cujo nome pertence a uma das antigas 12 tribos de Israel.

“falasha”, sua hierarquia religiosa, textos sagrados e especialização econômica podem ser datados desse período.

Outrossim, há uma tradição indicando a rainha como uma ancestral de um dos magos que visitam Jesus Cristo na manjedoura, dada a referência no Salmos 72.10-11: “{...} os reis de Sabá e de Sebá oferecerão dons. E todos os reis se prostrarão perante ele [o menino Jesus, já que o reino de Salomão, ao qual o salmo faz referência, segundo a crença cristã, prefigura o do Messias nesta passagem]”. Outra passagem que interliga com essa visão é de um outro escritor, o do livro de Isaías 60.6: “{...} todos virão de Sabá; trarão ouro e incenso e publicarão os louvores do Senhor”. Outras citações referentes a Etiópia são em Salmos 68.31; tem-se outras mais identificadas no livro do patriarca Jó. Ainda tem o curioso episódio da história da esposa de Moisés, Zípora, identificada como cuchita (sendo da região de Midiã⁵² - em diferentes versões do texto bíblico, ela também é designada como cuchita ou etíope), que não foi aceita pela irmã do libertador, Miriã, por conta da “pele escura”⁵³ dela. A narração da história continua com Miriã sendo castigada com lepra⁵⁴, deixando a sua aparência “como a da neve” (Números 12. 1-10). Por fim, a palavra Etiópia aparece mais de 40 vezes nas escrituras sagradas dos cristãos e judeus.

Sob outro ângulo, é significativo notar da Bíblia não ter mencionado o lugar de onde a rainha de Sabá veio ou mesmo seu nome ou origem geral, mas um detalhe contado pela narrativa etíope, é que Makeda chegou a Jerusalém no 4º ano do reinado de Salomão, e no 6º ano do seu reinado (*Kebra Negast*, 2014, p. 61). No Pseudo-Calístenes⁵⁶, a

⁵² Midiã ou Madiã é uma zona geográfica mencionada na Torá e no Alcorão. William G. Dever afirma que a região de Midiã se situava no noroeste da península Arábica, na margem oriental do golfo de Ácaba no mar Vermelho, uma área que só foi povoada intensivamente a partir dos séculos VIII e VII antes de Cristo

⁵³ “Povo da antiguidade, relacionado na Bíblia a Mídia, um dos filhos de Abraão. Habitantes do sudeste de Canaã, são mencionados, segundo Bernal, como um povo de pele escura.” (LOPES. 2011, p. 200).

⁵⁴ O termo hebraico não se refere somente à lepra, mas também a diversas doenças da pele.

⁵⁶ “Pseudo-Calístenes, o chamado Alexandre-Romance, falsamente atribuído a Calístenes, sobrevive em várias versões, começando no século III a.C. É ficção popular, uma narrativa pseudo-histórica intercalada com um “romance epistolar”, correspondência falsa entre Alexandre “o Grande” e Darius III. Parte do material é relativamente antigo; o relato da morte de Alexandre pode ecoar a propaganda dos primeiros sucessores e o testamento contém uma interpolação rodeada de origem helenística. Há também uma vertente egípcia que apresenta o último faraó, Nectanebos II, como um ator significativo (sedutor de Olympias) e acrescenta detalhes curiosos sobre Alexandria, incluindo a data de sua fundação. Mas o núcleo histórico é pequeno e inutilizável. O que importa é a ficção que teve enorme voga internacional, traduzida para a maioria das línguas importantes nos tempos medievais e transmutada em inúmeras variações na tradição grega, síriaca e árabe”. (**Pseudo-Callisthenes**. Oxford Classical Dictionary. Disponível em: <https://oxfordre.com/classics/display/10.1093/acrefore/9780199381135.001.0001/acrefore9780199381135-e-5406;jsessionid=DD0128FA324B1D2B7DB75981F98978C1>. Acesso em: 09/01/2023, tradução nossa).

rainha é chamada Kandake (que significaria, “o macedônio”)- O nome Mâkeda, foi assim transformado, provavelmente, por corrupção, de Khendâke, ora Khendakê ou Khendekê, e não se encontra na lista dos monarcas da Etiópia, só em documentos etíopes (DROUIN, 1882, p. 102)-, e reinou em Meroé e Aksum, já o Kebra Negast declara da rainha de Sabá ter vivido em Tigre⁵⁷ (isto é, Aksum teria sido a capital de Tigray), perto de um mosteiro Dabra Makedu (“montanhas ou mosteiro de Mâkedân”). Uma outra corrente, ademais, inclui o acadêmico britânico Edward Ullendorff, que mantém do nome ser uma corruptela de Candace, a rainha etíope mencionada no Novo Testamento. Por sua vez, a etimologia do seu nome é incerta, as listas da Abissínia não mencionam nenhuma rainha em suas séries reais, já os nomes dos reis etíopes estão registrados em monumentos hieroglíficos.

Como a historicidade da rainha de Sabá não pode ser seriamente contestada, seguimos com algumas narrativas mais sobre sua origem. Após o relato bíblico, “durante vários séculos não ouvimos mais falar da rainha de Sabá em livros apócrifos de origem palestina” (JOSEPH, 1904, p. 7, tradução nossa), até que na literatura judaico-alexandrina surge a então citação de Josefo referente à rainha, o qual registra dela ter sido uma monarca do Egito e da Etiópia⁵⁸ (História do Hebreus, 2019, p. 395), além do mais, o relato bíblico pode ter sido dramatizado por um romancista helenista- Foi daí que na África surgiu a versão contada no Kebra Negast (primeira vez desta história ter sido transferida da Arábia para a África). Logo houve uma indiferença persistente entre os judeus israelitas nos tempos talmúdicos⁵⁹ em relação a rainha de Sabá, mas já em exposições exegéticas (Mishná) foi tema favorito, incluindo a história da então rainha como um de seus contos auxiliares, com um toque de mitologia, especialmente no 2º

⁵⁷ “Por volta do ano 1000 a.C., povos semitas do reino de Sabá (Sheba), no atual Iêmen, começaram a migrar através do estreito de Bab-el-Mandeb e absorveram as populações cuxitas do litoral da Eritreia e dos planaltos adjacentes. Como consequência dessas migrações, entre 800 e 300 a.C., uma civilização avançada floresceu nos planaltos da Eritreia e na região de Tigré. Suas elites dirigentes se autorreferiam como os "mucarribs de Da'amat e Saba", em referência ao território etíope no qual se estabeleceram - Da'amat - e à sua terra de origem. O título "mucarrib" indicava algo como governador de uma unidade federada, e, na Arábia do Sul, atual Iêmen, o título se referia a cada um dos governantes de tribos ligadas por um pacto.” (LOPES, 2011, p. 126).

⁵⁸ Talvez essa tradição esteja associada a questão de que “À época do rei Salomão, no ano 900 a.C., Sabá esteve sob forte influência dos cuxitas de Querma [antiga região egípcia], os quais, durante o Terceiro Período Intermediário da história egípcia, chegaram até a atual Palestina e saquearam Jerusalém”. (LOPES, 2011, p. 264). Sem esquecer das alianças feitas posteriormente entre egípcios e cuxitas, no Domínio Assírio e Persa.

⁵⁹ Quando foi escrita a coletânea de livros sagrados dos judeus, isto é, um registro das discussões rabínicas

Targum⁶⁰ em Ester, tendo sido emprestado do escritor Al Tha'alibi (século X- XI d.C)⁶¹. A propósito, referente a localização do reino da rainha, no livro bíblico de Ester⁶² é dito que o rei Assuero (486-465 a.C), do Império Persa, reinava desde a Índia até Cush (Ester 1.1), definindo estas duas regiões como a Fímbria do mundo conhecido.

Interessante destacar, dado que é um dos objetivos dessa pesquisa, a disputa de narrativas se a rainha é de precedência árabe ou etíope: Aqueles defensores de uma rainha etíope afirmam que ela reinou sobre o reino de Axum, mas este só existia como entidade política de 100-950 d.C⁶³; e aquela prosperidade toda do reino de Sabá, demonstrada nos textos sagrados, foi mais identificada apenas a partir do século 8 a.C. E, seguindo uma das vertentes, a Etiópia suplantou ou evoluiu de um reino anterior conhecido como D'mt (ficava entre o norte da Etiópia e da Eritreia, entre os séculos X a V a.C). Inclusive, esse antigo povo de Da'amat, deixou inscrições em língua e escrita muito semelhantes a registros encontrados na cultura sabeu, no sul da Arábia (LOPES, 2011, p. 126). Em consonância, enquanto não existem tradições conhecidas de matriarcado no Iémen durante o início do primeiro milênio a.C., as primeiras inscrições dos governantes de D'mt mencionam rainhas de status elevado, possivelmente até igual aos seus reis, e isso se aproxima com a tradição oral das rainhas cãdaces do reino de Meroé (que fora transformada na capital do império cuxita em 530 a.C, até a invasão do rei axumita Ezana, no IV d.C)⁶⁴, qual imaginário também foi associado à rainha de Sabá.

Essas mulheres que governaram sob o título de Candace, foram vigorosas construtoras, ergueram magníficos palácios e tumbas e Meroé experimentou uma época de intenso florescimento tecnológico e cultural [e econômico], conhecida como a "revolução industrial da Antiguidade" [Meroé atingiu o ápice da sua potência econômica, levando a uma modernização da civilização

⁶⁰ Traduções, comentários em aramaico da Bíblia Hebraica escritas e compiladas em Israel e Babilônia, da época do Segundo Templo até o início da Idade Média, utilizadas para facilitar o entendimento aos judeus que não falavam o hebraico como língua mãe, e sim o aramaico.

⁶¹ Famoso por suas antologias e coleções de epigramas. Como escritor de prosa e verso por direito próprio, às vezes falta distinção entre a sua obra e a de outros, como era a prática dos escritores da época.

⁶² Ester foi a mulher escolhida pelo rei persa (mas sem saber que ela era judia), entre as moças virgens convocadas, para substituir a esposa repudiada do rei, porque ela tinha se negado a está em sua presença para ser exibida em um banquete. E, também, foi a responsável por livrar os judeus que viviam na Pérsia de Hamã, nobre da corte do rei.

⁶³ Mas isso pode ser considerado, no caso, como o seu apogeu, isto é, quando Axum se torna a capital do reino da Etiópia, a partir do fim do primeiro século da era Cristã, em substituição à antiga cidade de Yeva, provavelmente localizada no território da atual província de Tigré. (LOPES. 2011, p. 128)

⁶⁴ Foi na época da reconquista do Egito, entre Aspelta e Psamético II, que houve essa transferência de capitais (antes era Napata), a qual veio muito a calhar, pois Napata estava muito exposta e Meroé menos vulnerável, além da sua tecnologia e solo se apresentarem bastante favoráveis para o Império de Cuxe. A partir do período que se estende, aproximadamente, de 315 a 295 a.C, acentua-se a ruptura com o modelo egípcio e, portanto, "Os traços culturais locais, efetivamente núbio-sudaneses, afirmam sua preponderância, sobretudo no plano religioso [tanto que se transforma no centro religioso (entre os séculos II e III a.C.)]. [...] [Ou seja], o abandono de Napata também foi motivado pelo anseio coletivo de resgatar os fundamentos da identidade nacional, mais presentes no novo centro do poder." (LOPES. 2011, p. 76-79).

cuxita, durante o reinado de uma rainha, Amanitore], com grande desenvolvimento das artes, arquitetura, joalheria, cerâmica, que apresentam técnicas inovadoras e exclusivas, particularmente na cidade mortuária de Naga. (FONSECA, 2021, p. 18).

É possível, então, da rainha de Sabá ter sido uma governante sabeia de D'mt e sua história associada à Etiópia na época em que Flávio Josefo estava escrevendo.

Tem-se outra narrativa, a qual designa da origem do reino de Sabá ser no Sudão⁶⁵ - e tinha as capitais em Napata e depois em Meroé; já outros estudiosos ficam com a versão de que ele foi o que é hoje os restos do Grande Zimbábue ou nas costas do que hoje são a Eritreia, a Etiópia e o Iêmen (este último será discutido a frente). Sob outro ângulo, conforme o *Kebrá Nagast*, a costa do mar em Lêbâ e Sâbâ passa pelo limite oriental do antigo reino da Etiópia.

5. 2 *Relações comerciais entre Sabá/Etiópia e Israel, e os limites de influência do domínio da Etiópia*

Um ponto interessante relatado no *Kebrá Negast* é que o chefe dos mercadores da Etiópia, Tamrin, retrucando um israelita, quebra estereótipos em relação ao território do continente africano já na antiguidade:

Nosso país é o melhor. O ar [isto é, o clima] de nosso país é bom, pois é sem calor escaldante ou fogo, e a água de nosso país é boa, doce e flui em rios; ademais, dos cumes das nossas montanhas correm águas. E nós não fazemos como vós fazeis em vosso país, isto é, cavar poços muito profundos [em busca de] água, e nós não morremos pelo calor do sol; mas, mesmo ao meio-dia, nós caçamos animais selvagens, isto é, os búfalos selvagens, as gazelas, pássaros e pequenos animais. E, no inverno, Deus toma conta de nós de um ano até o começo do curso do próximo. E, na primavera, as pessoas comem o que pisaram com os pés, assim como na terra do Egito, e, quanto às nossas árvores, elas produzem boa colheita de frutos, e o trigo, a cevada, todos os nossos frutos, e o gado são bons e maravilhosos{...}. (2014, p. 68)

Nesse interim, um grande elo nessa história toda são as relações econômicas. Especula-se que os presentes trocados com Salomão (conforme é narrado nas escrituras cristãs e etíopes) foram feitos para abrir ou para fazer manutenção das relações comerciais entre as regiões (ADAMU, 2009).

A viagem da rainha foi determinada por uma causa mais importante que o desejo de vivenciar a sagacidade do rei judeu. {...} A julgar pela analogia de outras viagens anciãos, de príncipe para príncipe, é fácil adivinhar que era, em primeira linha, de um tratado comercial entre os dois reinos, primeiro a regularizar as relações comerciais que já existiram por navegação e depois inauguraram uma nova linha de comunicação por terra através para a Arábia (JOSEFH, 1904, p. 6, tradução nossa)

⁶⁵ Bom, Cuxe abarcava as zonas do atual Sudão adjacentes ao mar Vermelho (LOPES, 2011, p. 73).

Nesse sentido, uns dos motivos para a ilustre visita, pode ter sido para garantir que o lucrativo comércio de olíbano e mirra de seu reino continuasse sem obstáculos pelos exércitos de Salomão. Ademais, Josefo (História do Hebreus, 2019, p. 396) diz-nos que a planta balsâmica, a qual dera fama à nação de Judá mais tarde, foi originalmente trazida pela rainha de Sabá, como um de seus presentes. A planta foi então cultivada no território da tribo de Judá e tornou-se um importante produto de comércio. Sendo assim, Fonseca (2020) descreve que pela posição geográfica estratégica, Sabá era um centro de negócios para a Ásia e África e, na época de Salomão, controlava as rotas de caravanas por terra (CHAMPLIN, 2018, p. 786).

Um detalhe curioso nessa influência dos intercâmbios culturais da Etiópia é o fato de que na metade do século VI, no tempo do négus axumita Kaleb, o impacto de poder comercial partiu, novamente, da região africana da Etiópia, quando o seu monarca conseguiu impor militarmente sua autoridade dos dois lados do Mar Vermelho, isto é, nas relações da Abissínia com o Sul da Arábia⁶⁶ (MACEDO, 2017, p. 12). Some-se a isso, “As cidades de Aksum e Adalus⁶⁷ estavam em contato direto com o Mediterrâneo⁶⁸, e foram centros de comércio para toda a área do Mar Vermelho⁶⁹, tanto que os comerciantes gregos conheciam Aksum como o centro de um império qual tinha ligações comerciais com a Índia, Arábia, Roma, Pérsia e Grécia. A imponência de Aksum foi tanta que Mani, a figura religiosa persa, a listou com Roma, Pérsia e China como umas das quatro grandes potências de seu tempo, conquanto, ligavam o império via caravana ao oeste, bem como ao sul do porto de Adalus, isto é, Bagdá, Gaza e Alexandria, a oeste de Jerusalém. Por isso, era de se esperar que as cidades fossem lar de adeptos de todas as religiões (MULLER, 2018, p. 252), em contrapartida, Carvalho (2013) assevera das evidências de judeus nos centros comerciais para todo Mar Vermelho, no século IV, serem escassas.

⁶⁶ Conforme o “*Dicionário da Antiguidade Africana*”, “No ponto mais alto de seu desenvolvimento, o reino de Axum foi além do Mediterrâneo, dominando [assim como o Império de Cuxe] parte da Arábia meridional. Nessa época, as tentativas romanas de conquistar o sul da Arábia por caminhos terrestres foram frustradas, ao passo que os etíopes axumitas seguidamente intervinham nos destinos da região: no ano 525 d.C. ocuparam e dominaram o reino de Saba [ou seja, mais uma vez, a história da Oriente Médio intrinsecamente ligada com o continente africano e, possivelmente, venha daí a confusão de onde Sabá foi].” (LOPES, 2011, p. 129).

⁶⁷ “Porto fundado em Axum por Ptolomeu Filadelfo (c. 250 a. C). Situado no golfo de Zula, próximo a Massauá, na Etiópia.” (LOPES, 2011, p. 15).

⁶⁸ “[A África] teve nas águas do rio Nilo sua via natural de comunicação com as outras partes do mundo antigo, através do mar Mediterrâneo.” (LOPES, 2011, p. 15).

⁶⁹ “Em 29 a.C., a coligação dos núbios e axumitas enfrentaram as tropas do general romano Cornélio Galo. No embate, Napata, a capital de Cuxe, é arrasada, e a Baixa Núbia se torna protetorado romano. Axum, ao contrário, constituindo-se no centro do comércio entre o vale do curso superior do rio Nilo e os portos do mar Vermelho, experimenta desenvolvimento sem precedentes.” (LOPES, 2011, p. 128).

Por outro lado, nos tempos salomônicos, Joseph (1904) aborda que expedições lucrativas da frota de Salomão estavam ligadas simultaneamente em Társis, no Mediterrâneo ocidental e, inclusive, para Saba-Opher no extremo Sul, mas o dado desta última carece de base científica.

6 REPRESENTAÇÕES DA RAINHA DE SABÁ E REFLEXÕES SOBRE OS PAPEIS DE GÊNERO DAS MULHERES NA ANTIGUIDADE PARA O ENSINO DE HISTÓRIA

As representações sobre a rainha de Sabá foi um ponto importante do então trabalho de pesquisa, para se entender como foi/é trabalhada os usos do passado na percepção pública.

Representações que uma sociedade faz de si própria- o que o faz levar a colocar o acento nas linguagens, em todos os sistemas de signos que estão no âmbito de uma semiologia: rituais das cerimônias, liturgias, iconografia, representações figuradas, conteúdos e temas de obras expressivas, representações religiosas, artísticas, temas romanescos, folclore e, no seu tempo certo, a evolução, as transformações. O que o leva ainda a evidenciar a evolução específica de certas formações discursivas, tais como as biografias, as "vidas" de personagens históricas. "É seguindo a evolução de todos estes sistemas significantes que se chegará, talvez, a determinar certas mudanças que se operam no comportamento dos homens frente ao social e à vida real.". Estas representações revestem-se de uma materialidade que lhes é própria: a de suas práticas e dos aparelhos ideológicos que os implicam. (BORIN, 1990, p. 73)

Contrariando, assim, as "metanarrativas" da modernidade, [de que] os apegos irracionais ao local e ao particular, à tradição e às raízes, aos mitos nacionais, e às "comunidades imaginadas", seriam gradualmente substituídos por identidades mais racionais e universalistas.", conforme descreve Stuart Wall (2005, p. 97). Logo, "{...} a imagem da rainha de Sabá e a preservação de sua memória evocam a continuidade de uma tradição árabe-africana [e judaica] que subsistiu e assumiu diferentes configurações em representações iconográficas, na oralidade e na cultura escrita." (MACEDO, 2017, p. 12).

Sendo assim, foi analisada a questão das representações em imagens e nas tradições etíopes (em especial, as cristãs) a figura da rainha de Sabá, através da obra de Rivair Macedo (2017) e na coletânea de imagens retiradas da edição escolhida para leitura e análise da *Kebra Negast* (2014). A começar, tem-se retratações da figura imponente da rainha no tratado religioso etíope, que a descreve como tendo uma

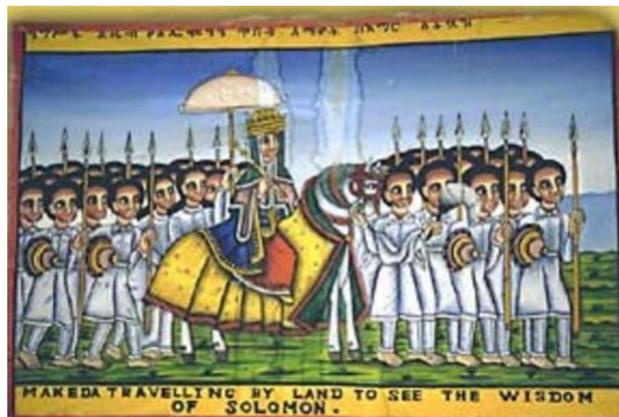
face muito bonita, e sua estatura era soberba, e sua compreensão e inteligência, as quais Deus dera a ela, eram de um caráter tão elevado que ela veio à Jerusalém para escutar a sabedoria de Salomão; isto foi feito pelo mandamento de Deus e era Seu beneplácito. Ademais, ela era extremamente rica, pois Deus havia dado a ela glória, riquezas, ouro, prata e esplêndida vestimenta, e camelos, escravos e homens de negócios. E eles levavam seus negócios e comerciavam por ela, pelo mar e pela terra, na Índia e em 'Aswân (Siena). (Kebra Negast, 2014, p. 39)

FIGURA 1: Rainha Mâkeda conhecendo e apresentando o Rei Salomão com produtos de seu país: diamante e ouro.



Fonte: Kebra Negast, 2014.

FIGURA 2: Rainha Mâkeda viajando por terra para ver a sabedoria do rei Salomão.



Fonte: Kebra Negast, 2014.

E essa notificação de riqueza da rainha de Sabá não é etíope somente. Antes mesmo Flávio Josefo declarou que ela “Veio a Jerusalém com equipagem digna da grande rainha que era, trazendo camelos carregados com ouro, pedras preciosas e custosos perfumes, {...} cento e vinte talentos de ouro⁷⁰ [e] muitas pedras preciosas {...}” (JOSEFO, 2019, p. 395, 396). Isso porque “No antigo Oriente Próximo não se realizava nenhuma visita sem o oferecimento de presentes. A rainha, pois, entrou de forma imponente em Jerusalém. Ela queria atenção, e o rei de Israel ficou impressionado com sua grande caravana de camelos e todos os presentes que ela havia trazido” (CHAMPLIN, 2018, p. 786). “A

⁷⁰ Isso corresponde a quatro toneladas e meia. Não há como calcular o poder de compra de tanto ouro, mas é óbvio que foi um tesouro incrível. Compare-se isso com o v. 14 da narrativa bíblica, que fala da renda de Salomão em um único ano, 25 toneladas de ouro, sem contar os muitos outros presentes de grande valor. O talento era um peso, e não uma moeda, que foi invenção posterior a Salomão. (CHAMPLIN, 2018, p. 786)

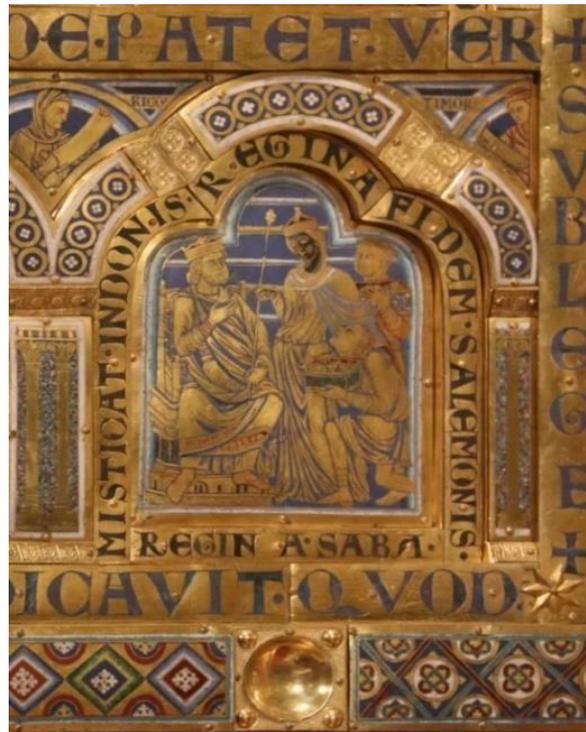
rainha de Sabá deu assim, a Salomão, o máximo que estava ao seu alcance {...}. [Ela] trouxe os melhores produtos de sua terra {...}. As especiarias foram dadas em prodigiosas quantidades [e nunca houve tais especiarias, conforme narra o relato bíblico] e, como é óbvio, compunham um pequeno tesouro em si mesmas” (CHAMPLIN, 2018, p. 788).
Portanto,

Makeda governava o reino de Sabá, que compreendia parte da atual Etiópia e parte da Península arábica, conectando as duas margens do mar Vermelho pelo Golfo de Adem. Ela foi uma grande administradora, reputada por ter construído importantes obras públicas, como as represas de água que permitiram o desenvolvimento da agricultura e a fixação da população em Sabá, que se tornou um reino próspero. Makeda comandava uma ampla rede comercial, negociava com a Índia e grande parte da Ásia, por terra e por mar, levando produtos valiosos do interior da África - ébano, mirra, marfim, ouro-para os mercados internacionais. Alguns historiadores defendem que "ela governou sobre um estado-nação substanciosos e exerceu controle sobre mais terras distantes que deu a seus domínios o status de império." (Larri, Willians; Flinch, Charles In Van Sertima, 1984). Ela contava com sábios comerciantes, o mais importante deles foi Tamrin [o mesmo que contou a ela sobre Salomão]. (FONSECA, 2021, p. 23)

Ademais, Manuel João Ramos (2005) aborda a retratação na pintura popular etíope da rainha de Sabá, a progenitora e matriarca da dinastia supracitada, como também, o roubo da Arca da Aliança de Israel para a Etiópia, relatado no *Kebra Negast* e que fez surgir uma nova identidade para os etíopes como “povo eleito de Deus”, adiantando que a narrativa é ainda mais acentuada nas imagens:

Uma característica importante dessas pinturas é o fato de serem compostas por uma série de retângulos organizados em tiras e pensados como "histórias" que costumam compartilhar uma série de elementos de codificação. Como o fiel — a escrita silábica das línguas abissínicas —, eles costumam "ler" da esquerda para a direita e de cima para baixo. Gramática visual como os afrescos pintados das igrejas ortodoxas etíopes. (RAMOS, 2005, p. 85, tradução nossa).

FIGURA 3: Altar de Klosterneuburg (mosteiro na Áustria), de 1181- Nicholas de Verdun (ourives e esmaltador francês)



Fonte: BOWERSOX, Jeft. Solomon and the queen of Sheba (1181). Black Central Europe. Disponível em: <https://blackcentraleurope.com/sources/1000-1500/solomon-and-the-queen-of-sheba-1181/?amp=1> >Acesso em: 16/09/2022.

Consiste em 45 painéis que contam histórias do Antigo e do Novo Testamento. Um dos painéis mostra a rainha de Sabá encontrando-se com o Rei Salomão e elogiando sua sabedoria. Ela aparece aqui como uma figura elegante e piedosa com pele negra [da mesma forma que a arte românica, a pintura foi em esmalte], mas sem características físicas estereotipadas da África negra. Esta imagem ilustra uma mudança nas interpretações da rainha de Sabá, onde ela anteriormente simbolizava pagãos que não podiam entender o cristianismo, nas terras alemãs ela agora estava sendo usada para representar os pagãos que estavam prontos para a conversão [em um tom místico]. Nessa função, ela às vezes é retratada como branca com um séquito exótico, mas ela também começou a aparecer como uma figura negra. Assim como com São Maurício e o Magus Negro, representações positivas da negritude tornaram-se úteis ao Sacro Império Romano para articular uma ideologia de universalismo cristão ou imperial. Mas, embora essas outras figuras tivessem um valor duradouro, uma Rainha Negra de Sabá nunca foi aceita sem crítica. Nos séculos XIV e XV, sua utilidade havia diminuído. Ela se tornou uma personagem inequivocamente negativa, uma sedutora erótica que desencaminhou Solomão, e sua negritude, na medida em que foi mantida, foi incorporada às novas representações críticas dos negros. (BOWERSOX, 2022, tradução nossa.).

Além disso, a arte cristã da Idade Média e do Renascimento costumava escolher a rainha como tema retratando-a sozinha ou na companhia de Salomão.

Historicamente, a rainha de Sabá permanece um mistério, mas a tradição referente a ela perdurou por milênios e continua a inspirar a literatura e as diversas artes nos dias atuais, com grande destaque para o reggae, juntamente com o movimento Rastafari. Pode-se, também, avaliar a evolução da retratação dela no cinema: No filme de 1959, ela é protagonizada por Gina Lollobrigida, uma atriz branca, como uma rainha que seduz Salomão na tentativa de destruir Israel. Já em dois filmes mais recentes: a personagem foi interpretada por Halle Berry (1995), envolvida em um relacionamento amoroso com Salomão, em um; e, em outro, foi a vez de Vivica Fox (1997), representando uma monarca envolvida em uma negociação comercial com o reino de Israel. Ambas são atrizes negras.

No mais, há de se registrar a variedade e riqueza de imagens que representam a rainha de Sabá ao longo dos séculos, mesmo assim, ver-se que a sua figura está envolta de vários estereótipos. Seguindo a perspectiva de Lélia Gonzales (1984), por ser uma mulher, somada a ser apontada como descendente de Cam⁷¹ (dada “A maldição de Cam”⁷², segundo uma deturpação dos textos bíblicos), isto é, ser negra, as narrativas do seu encontro com o rei de Israel se desenrolaram ao longo da História, a construindo,

muitas vezes, com visões sexistas: ou sexualizada- sedutora, da perdição-, ou, empregando a análise de Sueli Carneiro (2019), da mulher (a rainha) retratada sob uma “proteção paternalista”, indo atrás de um homem para ser salva pela tutoria de sua sabedoria e crenças religiosas consideradas superiores as delas. Mesmo os estudos de gênero não sendo objeto específico no presente trabalho, vale-se refletir sobre os papéis de gênero na antiguidade, em especial, para o ensino de História, visando uma consciência histórica à luz de uma Pedagogia Decolonial (WALSH, 2008), através do exemplo da tradição matriarcal da rainha de Sabá, que foi a primeira forma que as sociedades

⁷¹ “{...} originário do nordeste da África, de onde teria se espalhado pelo leste e pelo interior do continente. São supostamente divididos em dois grupos, um correspondendo aos berberes, fulânis, hauçás etc., e outro englobando egípcios, etíopes, galas, somalis, tutsis etc”. (LOPES. 2011, p. 59)

⁷² Cam foi o caçula de três filhos do personagem bíblico Noé. Segundo a narrativa bíblica, Cam, ao ver seu pai bêbado e despido, em vez de cobri-lo, zombou dele e ainda chamou os seus outros irmãos. Noé retomada a consciência, amaldiçoou um dos descendentes de Cam, Canaã (a narrativa não deixa explícita esse redirecionamento de escolha, mas possivelmente tenha sido porque o seu estivesse de alguma maneira envolvido no pecado do seu pai, ou tivesse se espelhado nas mesmas falhas de caráter dele). A maldição prescrevia que os descendentes de Canaã seriam oprimidos e controlados por outras nações, isto é, a dos seus primos. Com isso, os cananeus (terminologia dada ao povo cujo habitava o território de Canaã-posteriormente chamada de “Terra Prometida” dos hebreus) constituíram a base dos povos que mais relações travaram com os hebreus, seja como amigos, seja como inimigos. No entanto, já no período medieval (ou até mesmo antes) começou a se distorcer o então relato bíblico, apontando que a maldição tinha sido dada a Cam (o qual possivelmente era negro, como pode-se analisar na nota de rodapé anterior), e não a Canaã; e que como parte, este teria recebido a “mancha” da pele negra. Já na Idade Moderna, essa versão foi utilizada para legitimar, através da fé, a escravização dos descendentes de Cam, os africanos, a fim deles serem redimidos pelo pecado de seu ancestral, dada a chamada “Maldição de Cam”.

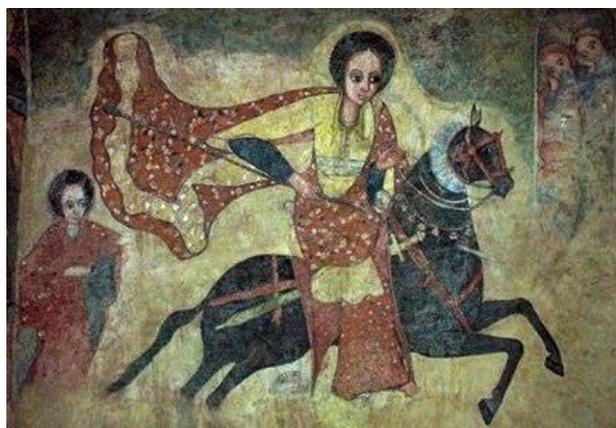
africanas encontraram para se organizar politicamente (FONSECA, 2020), até porque, a perspectiva da História das mulheres nos proporciona a isso, fazendo valer, assim, o exercício do historiador (a) docente. Inclusive, ainda na questão sexista apresentada pelo texto de Lélia, *“Racismo e sexismo na cultura brasileira”*, o momento do desfile de carnaval reforça esse estereótipo da mulher negra sexualizada, finalmente sendo um padrão de beleza (por um tempo) invejado por outras mulheres e desejada por homens, deixando de lado sua solidão (“a solidão da mulher negra”). Consonante a isso, faz-se refletir o exemplo da rainha de bateria da escola de samba Salgueiro, Viviane Araújo, fantasiada de rainha de Sabá, no carnaval de 2018, sob a temática “Ventre do Mundo”, que homenageou as grandes matriarcas negras da história.

FOTO 4:



Fonte: Site Quem, 2018.

FOTO 5: Pintura da Rainha de Sabá de uma igreja em Lalibela, Etiópia e agora no Museu Nacional da Etiópia em Addis Abeba. Afresco etíope da rainha de Sabá rumo a Jerusalém, cavalgando e armada com espada e lança, século XVII d. C. (Disponível em: https://www.wikiwand.com/en/Queen_of_Sheba >Acesso em: 16/09/2022, tradução nossa.



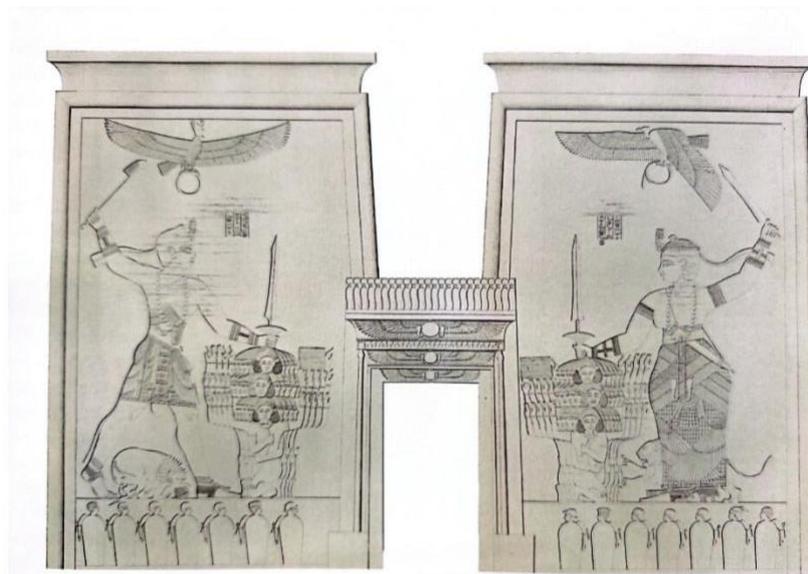
Fonte da imagem: Kebra Negast, século XVII d. C.

Nesta pintura, ver-se um contraste no tom da representação, pelos etíopes, da rainha de Sabá. Ela agora com um aparente “espírito livre”, cavalgando, armada e independente, caracterizando uma tradição mais matriarcal⁷³, de quem foi ao encontro do rei Salomão também com interesse de estreitar suas relações diplomáticas e tecerem possíveis alianças militares (FONSECA, 2021, p. 24), tanto que a tradição das candaces sinaliza também rainhas guerreiras⁷⁴.

⁷³ Os precedentes que influenciaram na gestação da linhagem matriarcal da rainha de Sabá, antes do advento das “rainhas candeces” de Meroé, estão nos exemplos de “mulheres que tinham poderes especiais na escolha do soberano, podendo interferir nas nomeações reais em função de suas capacidades espirituais, como a de se comunicar com Amon {...}” (FONSECA, 2021, p. 17). Além dos casos de mulheres influentes, insubstituíveis, indispensáveis, conselheiras, educadoras em exercício de seus papéis políticos, na corte, junto aos governantes, marcando esse protagonismo feminino, mas não necessariamente como candace, até porque, “{...} a primeira que se tem provas escritas que exerceu a governança é Shanakdakte (século II a.C), que em inscrições, estelas, templos e monumentos aparece com o título real: “Filho de Rá, senhor das Duas Terras” e “Filho de Rá e Rei”, até então utilizado apenas pelo Faraó [sempre reforçando sua autoridade e poder, abençoada pelos deuses].” (FONSECA, 2021, p. 18).

⁷⁴ Amanitore aparece junto com seu marido Natakamani em várias inscrições. Enquanto ele usa o título de Qore, ela aparece com o título de Candace e como “filha de Rá, senhora das duas terras, o que sugere uma co-regência entre os dois e evidencia o princípio de complementariedade entre masculino e feminino no exercício do poder. A análise da iconografia, em que ela aparece ao lado do esposo, representados do mesmo tamanho, ambos empunhando espadas e portando os símbolos de prestígio, atesta equidade de poder e autoridade entre eles. Amanitore foi descrita como uma grande mulher, equiparada a seres celestiais e associada à ordem divina Maar e seu templo mortuário revela sua importância e notoriedade. [Ela foi uma das últimas candaces de Meroé]. (FONSECA, 2021, p. 20).

FOTO 6: A rainha guerreira Amanitore em co-regência com seu marido Natakamani.



Fonte: Fonseca, “Poderosas Rainhas Africanas”, 2021

Um ponto a se destacar, visando além dos papéis de gênero os padrões de beleza construídos, muitas vezes, pode-se analisar candaces representadas como mulheres gordas, o que indica, para os padrões estéticos da época, vitalidade, riqueza, capacidade de alimentar o povo (FONSECA, 2021, p. 20). Some-se a isso, além dos precedentes da rainha de Sabá, de mulheres exercendo papéis políticos, possivelmente, a associação que fazem dela à tradição das candaces, seja porque ela foi considerada uma predecessora, parte da herança que consolidou o matriarcado através da “Rainha-Mãe”, dado que a figura de Makeda sempre foi lendária. No tocante ao conceito de “matriarcado”, pode-se defini-lo no estudo da linguística como o exercício do poder, a saber, nas palavras de Foucault:

[...] não é simplesmente uma relação entre "parceiros" individuais ou coletivos: é um modo de ação de uns sobre outros. O que quer dizer, certamente, que não há algo como o "Poder" ou "do poder" que existiria globalmente, maciçamente ou em estado difuso, concentrado ou distribuído: só há poder exercido por "uns" sobre os "outros"; o poder só existe em ato, mesmo que, é claro, se inscreva em um campo de possibilidade esparso que se apoia em estruturas permanentes. (FOUCAULT, 1995, p. 287).

O envolvimento amoroso entre os famosos dois monarcas trouxe certas implicações para o matriarcado da rainha de Sabá, conforme a narrativa a seguir:

Naquela época, havia uma lei no país da Etiópia na qual (apenas) uma mulher reinaria, e que ela deveria ser uma virgem que nunca houvesse conhecido um homem [elas eram escolhidas entre sacerdotisas virgens], mas a Rainha disse

(a Salomão): “De agora em diante, um homem que é de tua semente reinará, e uma mulher não reinará nunca mais; somente tua semente reinará, e sua semente depois dele, de geração em geração (Kebra Negast, 2014, p. 64)

Entretanto, o *Kebra Negast* não menciona nenhuma oposição interna ao governo de Makeda, só que "ela comandava seu reino corretamente, e ninguém desobedecia a seus comandos: pois ela amava a sabedoria e Deus fortalecia seu reino." (*Kebra Negast*, 2014, 63). Por outro lado, a narrativa etíope pontua a preocupação de Makeda em garantir a sucessão a seu filho, já que nenhum homem até então havia reinado (FONSECA, 2020). Então, quando Menelik vai visitar seu pai, ela transmite um pedido especial: “Pega este jovem, unge-o, consagra-o, abençoa-o, e faze-o rei sobre nosso país, e dá a ele o comando que uma mulher nunca mais reinará novamente (nesse país), e manda-o de volta em paz.” (*Kebra Negast*, 2014, p. 25), garantindo, assim, através da autoridade do famoso poderoso rei Salomão, nenhum atrevimento de empatar a sucessão de seu filho, mesmo desafiando as tradições matriarcais. “A relação entre a adoção da religião de Israel e as mudanças no modelo político precisam ser mais bem exploradas, mas certamente estas transformações não foram tão rápidas e automaticamente aceitas, como o Kebra Negast quis mostrar” (FONSECA, 2021, p. 26), até porque, o advento das rainhas candaces é bem posterior a história da rainha de Sabá.

FOTO 7: Sua Majestade Imperial A Imperatriz Menen e Sua Majestade Imperial O Imperador Haile Selassie. Foram coroados Imperador e Imperatriz da Etiópia em 1930.



Fonte: Kebra Negast, 2014.

As mulheres mantiveram-se presentes nas estruturas de poder político na longa duração. A lista entregue por Ras Tafari Makonnen em 1922 escrita em 1914-várias mulheres que assumiram o posto máximo na Etiópia, desde a fundação do reino de Aram (Ori). De acordo com essa lista, a quarta pessoa a assumir o poder foi a rainha Borsa, em 4254 a.C., ainda no mundo pré-dilúvio, comprovando a antiguidade do poder feminino. Após a 12ª sucessão de Menelick, Nicauta Kandae ocupou a posição central no ano 730 a.C, seguida por várias outras mulheres. Como a história de Kush e de seus governantes foram incorporados na genealogia dos reis etíopes depois que o reino de Axum anexou a região de Meroé a partir do século II da Era Cristã e várias Candaces entram nessa lista apresentada por Selassié para provar que sua dinastia reinava há mais de 3000 anos. O poder feminino na Etiópia é incontestável. Podemos citar Ta tyuy Betul (1851-1918), a grande imperatriz que junto a seu esposo Menelick II comandou os canhões na histórica Batalha de Adwa, quando os italianos foram derrotados em março de 1896. Taryu e reputada como a construtora da capital Addis Ababa, "nova flor" em amárico. Zewditu Menem, filha de Menelick II é outra mulher importante na história da Etiópia e a última descendente da linhagem de Makeda a governar. Ela assumiu o poder em 1916 e elevou seu primo Tafari Makonnen a Ras (príncipe) - Ambos descendem da linhagem do Rei Davi por Batseba, através do Rei Menelik, filho da Rainha Mâkêdâ e do Rei Salomão-, com o título de Balemulu 'Inderase (regente plenipotenciário), que foi coroado como Negus (rei) em 1928 e em 1930 como "Sua Majestade Imperial, Imperador Haile Selassie, Eleito de Deus, Rei dos Reis, Senhor dos Senhores, Leão Conquistador da Tribo de Judá", o 225º e último imperador da Etiópia. (FONSECA, 2021, p. 27)

Ademais, além do uso da imagem da rainha de Sabá por diferentes culturas, especialmente no contexto do início do eurocentrismo, era inaceitável que o filho de uma preta de Sabá tivesse sido o primogênito de Salomão⁷⁵, rei do povo eleito de Deus (Israel e depois a Etiópia, seguindo a tradição etíope), sendo assim, por vezes a embranqueceram para ser aceita em alguns episódios; usando-a para promover a cultura conforme seu bel prazer, a exemplo das produções cinematográficas supracitadas. Também houve o embranquecimento do rei Salomão (assim como se deu a “teologia branca”, isto é, a hermenêutica branca, e seus outros protagonistas históricos, vulgo, a imagem de Jesus Cristo marcada como um homem branco, loiro de olhos azuis) ao longo dos séculos.

É sabido que foi escondido na História, por muito tempo, protagonismos de grandes mulheres (seja daquelas abastadas ou as comuns, do povo), e quando a história delas era contada, por vezes, era pela metade e/ou sendo deturpada. Nesse sentido, na visão da interseccionalidade, a mulher negra é o “outro” da mulher branca, pois, além de ser mulher, ela ainda é negra, sendo ainda mais rebaixada pelo sistema racista para a base da subalternidade e opressão. A história da rainha de Sabá é de um peso imaginário muito

⁷⁵ Segundo a narrativa etíope, Menelik não herdou o trono de Salomão, mesmo tendo sido ungido no reino de Israel, porquanto, ele havia jurado à sua mãe que retornaria à Etiópia, depois de conhecer a seu pai Salomão, mesmo com toda resistência da parte deste, narrada no Kebra Negast, mas Salomão veio a reconhecer que esse retorno do filho dele faria parte da profecia de que a descendência de Davi reinaria sobre toda a Terra.

relevante, não só para os etíopes, mas também para a representatividade de uma mulher negra no poder, em um contexto longínquo, na antiguidade; denunciando que essa realidade sofreu um limbo temporal enorme na História, que no presente tempo está se tentando/lutando para recuperar esse Lugar -social, de fala, de poder. Logo, é necessário enegrecer (se apropriando do conceito usado por Sueli Carneiro (2019)) os estudos da história antiga e medieval, os quais ainda estão muito restritas à visão ocidental e ao eurocentrismo; e criar mais narrativas de uma África antes do Colonialismo, inclusive, ressaltando uma das áreas do continente africano que não foi conquistada, quebrando esta visão generalizada de toda a África ter sido submetida ao jugo europeu, e que não houve incisiva e efetiva resistência.

Conforme a “Síntese da coleção História geral da África: Século XVI ao século XX” (ROCHA; BARBOSA, 2013, p. 372-377), a Libéria e a Etiópia são os dois únicos países que se mantiveram independentes na época da partilha europeia da África (1880-1914), e algo a se destacar da formação geográfica deste último, é ser constituída por barreiras naturais e suas montanhas, foi um dos elementos quais cooperaram com esse feito do território que concorre ao título de sítio arqueológico mais antigo do mundo. Um outro motivo do feito dessa manutenção de liberdade, é que esses países usufruíram de relações medianamente amigáveis com as potências europeias até 1879. Não obstante, logo a frente, a guerra entre italianos e etíopes eclodiu em dezembro de 1894 e a batalha terminou com a vitória de Menelik II. O resultado desse embate teve profunda influência na história das relações entre a Europa e a África, e a Etiópia ganhou prestígio em toda a região do Mar Vermelho, além do mais, intelectuais negros do Novo Mundo também manifestaram crescente interesse por ela, o último Estado autóctone independente da África negra, já que a Libéria fora formada por afro-estadunidenses. Sendo assim, “A defesa da Etiópia contra a invasão colonial e a coroação dos governantes Menelik II e Haile Selassie I, também galvanizaram o interesse político e simbólico por toda a diáspora, de como uma nação negra navegava seu destino” (BUTLER, 2020, p. 39), criando redes de solidariedades da comunidade da diáspora com a terra ancestral, assim, a análise da “diáspora” pode ser usada para fins políticos por vezes conflituosos (BUTLER, 2020, p. 55), refletindo em uma diáspora política. Além disso, foi possível a esses países que se mantiveram independentes, opor as potências europeias umas contra as outras e resistir pela via diplomática às suas pressões indiretas. Some-se a isso, uma outra razão decisiva para a sobrevivência da Libéria e da Etiópia foi justamente a firme crença que tinham os povos de ambos os países de estarem destinados por Deus a

sobreviver, porquanto, sempre acreditaram que os grandes acontecimentos de sua história eram produto da intervenção divina.

7 CONCLUSÕES

Em suma, o presente trabalho de pesquisa tratou de narrativas difusas quanto a questão da “origem” e, seguido a perspectiva de Foucault quanto a isso (1979, p. 18),

O que se encontra no começo histórico das coisas não é a identidade ainda preservada da origem - é a discórdia entre as coisas, é o disparate. A história ensina também a rir das solenidades da origem. A alta origem é o "exagero metafísico que reaparece na concepção de que no começo de todas as coisas se encontra o que há de mais precioso e de mais essencial"; gosta-se de acreditar que as coisas em seu início se encontravam em estado de perfeição. (FOUCAULT, 1979, p. 18).

Dado isso, às vezes pode ser dificultoso separar o que há registros históricos do que não há, sendo típico desta temática sobre a origem dos judeus etíopes, porquanto, como diz o autor de uma das referências bibliográficas utilizadas: “A rainha de Sabá está atolada em uma séria crise de identidade” (ADAMU, 2009, p. 472, tradução nossa) se é etíope, iemenita, do Sudão, do Grande Zimbábue, da Eritreia, de Aksum; árabe, muçulmana, judia, negra (africana). Por sua vez, a historicidade da rainha de Sabá não pode ser seriamente contestada (HALÉVY, 1904).

Esse duplo deslocamento- descentração dos indivíduos [há diferentes posições de sujeito que o indivíduo carrega consigo] tanto de seu lugar no mundo social e cultural quanto de si mesmos -constitui uma "crise de identidade" para o indivíduo [o que acabou por enriquecer a história da rainha de Sabá. Porquanto] {...} como observa o crítico cultural Kobena Mercer, "a identidade somente se torna uma questão quando está em crise, quando algo que se supõe como fixo, coerente e estável é deslocado pela experiência da dúvida e da incerteza" (Mercer, 1990, p. 43). (HALL, 2005, p. 9).

A História dos judeus etíopes está envolvida em diferentes diásporas, composta de distintas camadas temporais, mas vale-se destacar as correntes de origens deles de fluxos migratórios (em especial, as limítrofes, já que o conceito de diáspora abarca a dispersão de africanos dentro e fora do continente) e o Aliá (conceito contado na Introdução), com isso, reflete-se se o grupo étnico em questão é fruto de uma diáspora judaica ou africana. Por outro lado, levando em conta a dimensão crítica da diáspora, com seus múltiplos contornos e diversidade de solidariedades, conforme Butler (2020), cada segmento da diáspora é um fenômeno único, acontece em níveis mais locais e íntimos, incluindo especificidades, rotas de cultura, identidade e dinâmicas sociais, e ela também pode ser

polivalente de muitas comunidades em mútuas relações, como ocorre com a africanidade/negritude e o judaísmo da temática em questão.

Dessa forma, é necessário ainda refletir se há uma rejeição ao conceito de diáspora pelo Beta Israel, se eles se caracterizam como diaspóricos em Israel ou não. Se há um desejo de volta à terra de origem africana ou, por seu sentimento de pertencimento, consideram Israel a sua “Terra Prometida”, seu lugar de origem, mesmo com toda a discriminação e preconceito noticiados que eles têm enfrentado lá. Portanto, “Afinidades, compreensões da história, aspirações pessoais e escolha de estratégias afetam o grau em que as pessoas descendentes da África optam por se associar ao conceito de uma diáspora africana global.” (BUTLER, 2020, p. 56), apesar de a diáspora “se estende além das realidades sociais das pessoas que supostamente são membros dessa diáspora” (BUTLER, 2020, p. 57), entretanto, a noção das identidades transnacionais enfatiza escolhas pessoais, com interrelações que podem envolver negritude ou ancestralidade.

Sendo assim, o conceito de diáspora implica nessa busca pela origem/raízes, sendo um dos objetivos do presente trabalho, mas, novamente, isso não é tanto para descrever o mundo quanto para procurar refazê-lo (BUTLER, 2020, p. 45), mas é uma forma de iluminar a experiência africana no tempo e no espaço (BUTLER, 2020, p. 56)

A narrativa seminal serve como a tradição de histórias de origem fundamentais para as comunidades humanas e revela o que é entendido como a "lógica" da existência desse grupo. Os detalhes específicos da migração são colapsados numa narrativa que não apenas explica a base da identidade coletiva, mas também destaca aspectos particulares da dispersão e da história subsequente do grupo. É essa narrativa que liga uma diáspora apesar da sua inerente diversidade. (BUTLER, 2020, p. 46).

Além de uma questão cultural-religiosa influenciar em tiradas de conclusões concretas referente à origem da rainha de Sabá, parte disso é complexificado pelos intercâmbios culturais e, também, graças a um atrevimento político, por exemplo, todos os monarcas etíopes, quaisquer que fossem suas origens regionais ou étnicas, alegavam descender da família de Yekuno Amlak. Apontando-se, assim, o nível da disputa lendária por poder legitimável que essa história provoca. É necessário, portanto,

um combate "pela verdade" ou, ao menos, "em torno da verdade" - entendendo-se, mais uma vez, por verdade não "o conjunto das coisas verdadeiras a descobrir ou a fazer aceitar", mas o "conjunto das regras segundo as quais se distingue o verdadeiro do falso e se atribui ao verdadeiro efeitos específicos de poder" entendendo-se também que não se trata de um combate "em favor" da verdade, mas em torno do estatuto da verdade e do papel econômico-político que ela desempenha. (FOUCAULT, 1979, p. 13)

Assim, a figura da rainha de Sabá tem um imaginário muito significativo e, como disse Le Goff: “De um lado, [há] aquilo que se pode chamar de realidade; de outro, os

sonhos de cada sociedade, que exercem influência sobre a História ditam real. Parece-me, portanto, que a História completa é o conjunto desses dois tipos de histórias” (2008, p. 63). Com isso, há muitos estereótipos envolvidos da então rainha, os quais precisam ser trabalhados- como sexismo e ingenuidade-, além de tentarem a embranquecer a qualquer custo, mesmo isso sendo totalmente precipitado; mas é o que muitas vezes a cultura ocidental branca faz: uma Cleópatra Elizabeth Taylor, Jesus Cristo branco, loiro dos olhos claros. E isso vai moldando o imaginário da sociedade.

A obra “*Beta Israel: Falasha in Ethiopia: From Earliest Times to the Twentieth Century*” (1992), de Steven Kaplan, apontou uma análise ainda pouco difundida que vale a pena se aprofundar melhor, dos judeus etíopes não serem uma tribo judaica perdida, mas sim um grupo étnico que surgiu na Etiópia entre os séculos XIV e XVI. Na perspectiva de Quirin James, em “*The Evolution of the Ethiopian Jews: A History of the Beta Israel (Falasha) to 1920*” (1993)⁷⁶, o autor costuma dividir a evolução social dos judeus etíopes em quatro eras após o período Axumita: A Idade Heróica (1270-1632); A Era Gondar (1632-1755); A Era da Formação de Castas (1755-1868) e a Era da fragmentação do Beta Israel (1868-1920). Apesar dos nossos recortes serem História Antiga e Medieval, este texto se torna interessante para se ter uma visão panorâmica do desfecho e evolução dos judeus etíopes ao longo da História da Etiópia. Sendo assim, acabamos por ficar com o conhecimento passado até o século XV da chamada Idade Heróica, que começa quando a dinastia salomônica é fundada por Yekuno-Amlakindo; até o reinado do meio falasha, mas cristão, Ya’eqob.

Por fim, a imagem da rainha de Sabá tem funcionado, desde sempre, como fator de unidade ou divergência religiosa e política nacional entre grupos etíopes. Some-se a isso, a herança judaica funcionava como um elemento distintivo a mais no modelo original do cristianismo negro-africano, todavia, esses laços têm sido desvalorizados pelas tradições judaico-cristãs ocidentais.

Esta História do pleno, que trai o vivido, é preciso saber substituir por uma História descontínua, feita deste pleno, mas também de ausência e de silêncio, uma História das profundezas, da subjacência. "Sabemos agora que o silêncio fala, mesmo que seja para nos impor a consciência do destruído e, por conseguinte, para nos obrigar a diversificar as abordagens a fim de atingir o vivido de um tempo." (ROGIN, 1999, p. 76).

⁷⁶ Infelizmente, não se teve acesso a esta obra na íntegra.

Nesta feita, é indispensável ressaltar o lugar da África nas narrativas bíblicas, e a influência de diferentes países africanos na formação do povo de Israel⁷⁷ e na tradição judaico-cristã, ainda mais levando em conta toda diversidade da comunidade africana global, e as várias comunidades da diáspora africana, não é em vão que há várias referências à Sabá e à Etiópia/Cuxe em referências bíblicas, portanto, as identidades culturais são híbridas, ou seja, movidas por mudanças, encontros e desencontros. Esses estudos da diáspora contribuem para manter e reforçar a consciência negra, fomentando a compreensão, solidariedade e a cooperação em todo mundo negro, logo, construí-la e fortalecê-la requer que entendamos nossas diferenças tanto quanto semelhanças (BUTLER, 2020, p. 52). Outrossim, o intuito é descolonizar ainda mais as narrativas e imagens (por vezes deturpadas) em relação ao continente africano e aos africanos. Fazer um retorno a essas "raízes" culturais dos judeus etíopes não significa um retorno à ortodoxia como têm sido desde há muito, mas sim, é uma forma de resgate de suas memórias, para se valorizar suas histórias, ancestralidade, transcendências e heranças, e fazê-las conhecidas.

REFERÊNCIAS

- ADAMU, Mamman Musa. *The Legend of Queen Sheba, the Solomonic Dynasty and Ethiopian History: An Analysis*. African Research Review, Tigray, vol. 3 (1), p. 468-482, 2009.
- ANTEBY-YEMINI, Lisa. *De l'Éthiopie à Israël*. Femmes, Genre, Histoire, Berlim, N° 44, Judaïsme (s): genre et religion, p. 157-170, 2016.
- BARBERO, Alessandro. "O dia dos Bárbaros: 9 de agosto de 378". In: "O Império romano no século IV". São Paulo: Estação Liberdade, 2010, p. 21-23.
- BORIN, Regine. "Os historiadores e o campo linguístico". In: "História e Linguística". São Paulo: Cultrix. 1990, p. 73-74.
- BUTLER, Kim D. "Por que "Diáspora"? A migração do termo da experiência judaica para a africana e a sua utilidade universal". In: BUTLER, Kim D.; DOMINGUES, Petrônio. "Diásporas Imaginadas: Atlântico Negro e histórias afro-brasileiras". São Paulo: Perspectiva, 2020.
- CARNEIRO, Sueli. "Enegrecer o feminismo: a situação da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero". In: HOLLANDA, Heloísa Buarque (org). "Pensamento feminista - conceitos fundamentais". Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019.
- CARVALHO, Francisco. "Judeus etíopes: origens e destinos". 2013.
- CHAMPLIN, R.N. "O Antigo Testamento interpretado: Versículo por versículo". Nova edição revisada, Inclui hebraico. São Paulo: Hagnos, v. 2, 2018, p. 786-788.

⁷⁷ Tanto que, "Em época muito distante, segundo D. P. Pedrals, uma grande onda migratória cuxita teria chegado até a Caldeia, entrando em estreito contato com os hebreus, o que levou o historiador Tácito a afirmar que os judeus teriam origem etíope." (LOPES. 2011, p. 85).

CHAMPLIN, R.N. *“O Novo Testamento interpretado: Versículo por versículo”*. São Paulo: Hagnos, v. 1, 2014, p. 410.

COSTARD, Larissa. *“Gênero, currículo e pedagogia decolonial: Anotações para pensarmos as mulheres no ensino de História”*. Rio de Janeiro: Fronteiras e Debates, v.4, nº 1, p. 159-175, 2017.

DROUIN, E. *Les listes royales éthiopiennes et leur autorité historique*. Presses Universitaires de France: Revue Archéologique, Nouvelle Série, v. 44, p. 99-115, 224, juillet a décembre 1882.

FONSECA, Mariana B. *“A rainha de Sabá: entre o matriarcado e o monoteísmo”*. Revista África e Africanidades, ano XII, nº 33, fev. 2020.

FONSECA, Mariana B. *“Poderosas Rainhas Africanas”*. Belo Horizonte: Ancestre, 2021, p. 17-27.

FOUCAULT, Michel. *“O sujeito e o poder”*. In: DREYFUS, Hubert L.; RABINOW, Paul. Michael Foucault. *“Uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermeunêutica”*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995. p. 273-295.

FOUCAULT, Michel. *“Microfísica do poder”*. Rio de Janeiro: Graal, 1979, p. 12-18.

GONZALES, Lélia. *“Racismo e sexismo na cultura brasileira”*. In: Revista Ciências Sociais Hoje, Anpocs, 1984, p. 223-244.

HALÉVY, Joseph. *La légende de la reine de Saba*. In: *École pratique des hautes études, Section des sciences historiques et philologiques*. Annuaire 1905. 1904, p. 5- 24.

HALL, Stuart. *“A identidade cultural da pós-modernidade”*. 10. Ed. Rio de Janeiro: Dp&a, 2005, p. 7-22, 91-97.

JAMES, Quirin. *The Evolution of the Ethiopian Jews: A History of the Beta Israel (Falasha) to 1920*. In: WALDRON, Sidney R. African Studies Review, v. 36 / Issue 03 / December 1993, p. 160 – 162.

KAPLAN, Steven. *The Fälasha and the Stephanite: An Episode from “Gädlä Gäbrä Mäsih”*. Cambridge University Press: Bulletin of the School of Oriental and African Studies, University of London, v. 48, Nº 2, 1985, p. 278-282, 1985.

KEPLAN, Steven. *“The Beta Israel: Falasha in Ethiopia: From Earliest Times to the Twentieth Century”*. New York: University Press, 1992.

LAMBERT, Jean-Marie. *“História da África Negra”*. In: *“Reinos antigos e “medievais””*. Goiânia: Editora Kelps, 2001. p. 123-127.

LE GOFF, Jacques. *“O imaginário Medieval”*. Signum: Revista da Abrem, vol.10, 2008, p. 63.

LOPES, Nei. *“Dicionário da Antiguidade Africana”*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

MACEDO, José. *“Identidades locais e interações culturais: A rainha de Sabá e os mitos cristãos na Etiópia”*. In: *Revista Semana da África na UFRGS*. Porto Alegre: UFRGS, v. 4, n. 1, p. 10-15, maio 2017.

MUDIMBE, Valentin. *“The idea of Africa”*. Indianapolis: Indiana University Press, 1994, p. 26.

MULLER, Sophia Dege. *“Between Heretics and Jews: Inventing Jewish Identities in Ethiopia”*. Germany: Ruhr-Universität Bochum, 2018, article 6: 247-308.

OLIVA, Anderson. *“Da Aethiopia à África: As ideias de África, do medievo europeu à Idade Moderna”*. Fênix: Revista de História e estudos culturais, v. 5, ano V, nº 4, p. 1-20, outubro, novembro, dezembro de 2008.

OYEWŪMÍ, Oyèrónké. *“A invenção das mulheres: Construindo um sentido africano para os discursos ocidentais de gênero”*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021, p. 15-36.

PANKHURST, Richard. *Ethiopian dynastic marriage and the Béta Esra'él (or falashas)*. Africa: (IsIAO), Setembro 1997, Anno 52, Nº 3, Setembro, 1997, p. 445-454.

RAMOS, Manuel João. BOAVIDA, Isabel. *Ambiguous Legitimacy: the Legend of the Queen of Sheba in Popular Ethiopian Painting*. In: *Annales d'Ethiopie*. Vol. 21, p. 85-92, année 2005.

ROCHA, Maria; BARBOSA, Muryatan. “*Síntese da coleção História geral da África: Século XVI ao século XX*”. Brasília: UNESCO, MEC, UFSCar, 2013, p. 372-377.

WALSH, C. “*Interculturalidade crítica y pedagogía de-colonial: apuestas (des)de el insurgir, re-existir y re-vivir*”. Quito: Universidad Andina Simón Bolívar sede Ecuador, 2008.

SITES ELETRÔNICOS

BOWERSOX, Jeft. **Solomon and the queen of Sheba (1181)**. Black Central Europe. Disponível em: <https://blackcentraleurope.com/sources/1000-1500/solomon-and-the-queen-of-sheba-1181/?amp=1> >Acesso em: 16/09/2022.

Makeda (século X a.C). Biografias de Mulheres Africanas, 2020. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/africanas/makedda-seculo-x-a-c/> >Acesso em: 20/03/2022.

MARK, Joshua J.. **Queen of Sheba**. World History Encyclopedia. World History Encyclopedia, 2018. Disponível em: https://www.worldhistory.org/Queen_of_Sheba/ >Acesso em: 28/04/2021.

MARUTTI, Mauri D. **A Bíblia como fonte historiográfica**. Webartigos, 2008. Disponível em: <https://www.webartigos.com/artigos/a-biblia-como-fonte-historiografica/4369> >Acesso em: 18/05/2023.

Pseudo-Callisthenes. Oxford Classica Dictionary. Disponível em: <https://oxfordre.com/classics/display/10.1093/acrefore/9780199381135.001.0001/acrefore-9780199381135-e-5406;jsessionid=DD0128FA324B1D2B7DB75981F98978C1> >Acesso em: 09/01/2023.

Queen of Sheba. Wikiwand. Disponível em: https://www.wikiwand.com/en/Queen_of_Sheba >Acesso em: 16/09/2022.

LINKS DAS IMAGENS

Solomon and the queen of Sheba (1181). Black Central Europe. Disponível em: <https://blackcentraleurope.com/sources/1000-1500/solomon-and-the-queen-of-sheba-1181/> >Acesso em: 16/09/2022.

Viviane Araújo, rainha da bateria do Salgueiro, representa primeira mulher do farão. Quem. Disponível em: <https://revistaquem.globo.com/Carnaval-2018/Rio-de-Janeiro/noticia/2018/02/viviane-araujo-mostra-previa-da-fantasia.html> >Acesso em: 11/05/2023.

FONTES

Bíblia de Estudo. Traduzida em português por João Ferreira de Almeida, com referências e algumas variantes. Revista e corrigida. Edição de 1995, com notas e estudos bíblicos e muitos outros valiosos auxílios.

JOSEFO, Flávio. **História do Hebreus**. Bangu: CPAD, 2019, p. 395-397.

Kebra Nagast. Edição 2012 e tradução para o português: Luísa Andrade de Sousa. Edição especial online, de junho de 2014: Sista Luísa Benjamim. ISBN: 9788562628528.
Tanah completo: hebraico e português. Edição de 2018, inédita em português, por Jairo Fridlin.